



Modelo Pedagógico

Princípios Educativos

Propriedade de: _____

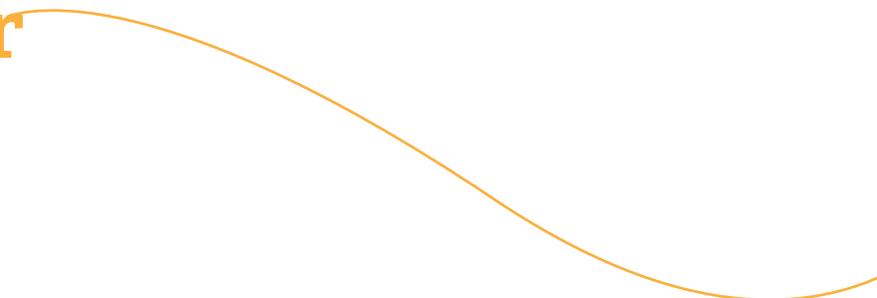
Data: _____

Anotações: _____

Modelo Pedagógico

Princípios Educativos

Olá Educador



Neste Caderno você conhecerá as bases do Modelo Pedagógico da Escola da Escolha e seus princípios educativos. Iniciamos a conversa apresentando o que é o Modelo Pedagógico e detalhamos os seguintes temas:

- Protagonismo
- Os 4 Pilares da Educação
- Pedagogia da Presença
- Educação Interdimensional

Bom estudo!

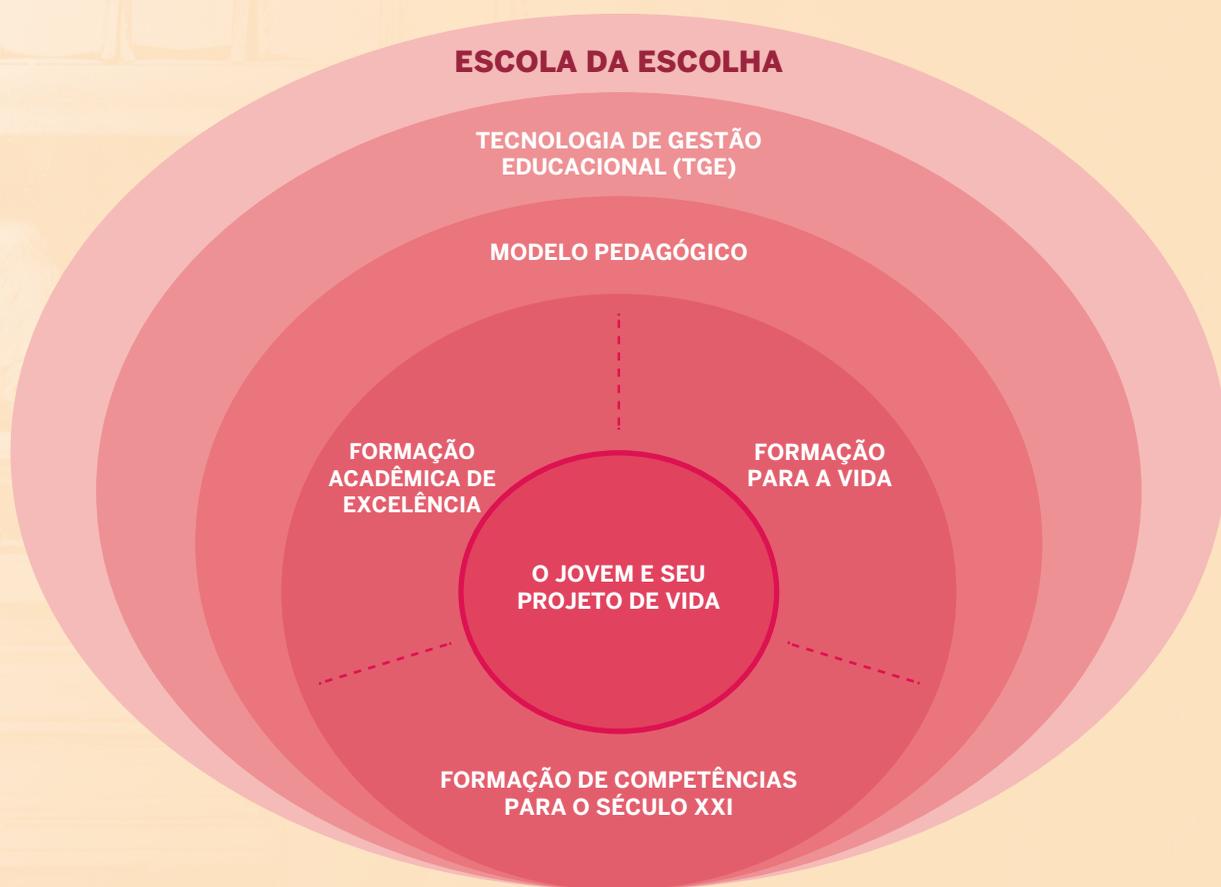


A concepção do Modelo Pedagógico

Introdução

O Caderno Introdução às Bases Teóricas e Metodológicas do Modelo da Escola da Escolha apresenta a sua matriz histórico-conceitual, o cenário no qual foi concebido, sua motivação institucional, suas expectativas e compromissos para a quebra e a introdução de novos paradigmas na Educação Básica brasileira.

Aqui trataremos de duas estruturas - gestão e pedagogia - tecidas para operar este Modelo:



A CENTRALIDADE DO MODELO É O JOVEM E O SEU PROJETO DE VIDA

Apesar de aqui serem consideradas nas suas particularidades em Cadernos específicos, essas duas estruturas, nomeadas como Modelo de Gestão e Modelo Pedagógico, guardam uma relação de interdependência e se alimentam mutuamente por meio dos seus princípios, conceitos e mecanismos operacionais. **São estruturas indissociáveis** e tornam possível transformar o plano estratégico da escola em efetiva e cotidiana ação.

Os dois Modelos dão sustentação para a Escola da Escolha.

O Modelo de Gestão, por meio da Tecnologia de Gestão Educacional – TGE, é a base na qual o Modelo Pedagógico se alicerça para gerar o trabalho que transformará a “intenção educativa” em “ação efetiva”.

O Modelo Pedagógico é o sistema que opera um currículo integrado entre as diretrizes e os parâmetros nacionais e/ou locais e as inovações concebidas pelo ICE, fundamentadas na diversificação e enriquecimento necessários para apoiar o estudante na elaboração do seu Projeto de Vida, essência do Modelo e no qual reside toda a centralidade do currículo desenvolvido.

O sistema é fundamentado em quatro Princípios Educativos: o Protagonismo, os Quatro Pilares da Educação, a Pedagogia da Presença e a Educação Interdimensional.

O Modelo da Escola da Escolha opera essas estruturas por meio de uma estratégia fundamental que se caracteriza pela ampliação do tempo de permanência de toda a comunidade escolar, equipes de gestão, professores, corpo técnico-administrativo e os estudantes. Mesmo sendo uma estratégia essencial, a modificação do tempo de permanência de todos na escola não é

AMPLIAÇÃO DA JORNADA ESCOLAR: REFERÊNCIA OU ESTRATÉGIA?

O PROJETO ESCOLAR

A concepção dos princípios e premissas do Modelo Pedagógico e de Gestão

O CURRÍCULO

A concepção das referências teórico-metodológicas da prática pedagógica

O TEMPO INTEGRAL (DENTRE OUTRAS)

A definição das várias estratégias para viabilizar o projeto escolar



PRINCÍPIOS EDUCATIVOS

PROTAGONISMO

O estudante é envolvido como parte da solução e não tratado como problema.

4 PILARES DA EDUCAÇÃO

Por meio do desenvolvimento das suas competências.

PEDAGOGIA DA PRESENÇA

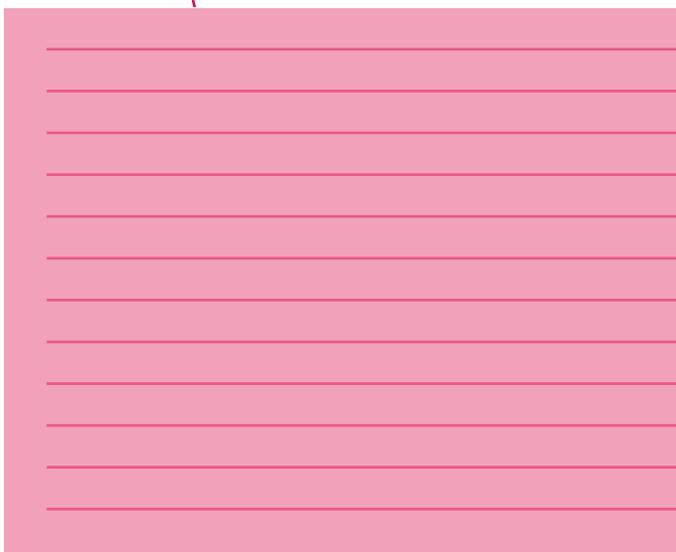
Sendo a referência de todas as práticas educativas de todos os educadores.

EDUCAÇÃO INTERDIMENSIONAL

A consideração das dimensões da corporeidade, do espírito e da emoção na formação humana e não apenas a dimensão cognitiva.

A materialização do currículo se realiza por meio de procedimentos teórico-metodológicos que favorecem a vivência de atividades dinâmicas, contextualizadas e significativas nos diversos campos das ciências, das artes, das linguagens e da cultura corporal e, exercendo o papel de agente articulador entre o mundo acadêmico, as práticas sociais e a realização dos Projetos de Vida dos estudantes. Para tanto, o Modelo da Escola da Escolha lança mão de inovações pedagógicas (sua Parte Diversificada) que, integradas ao desenvolvimento da Base Nacional Comum do currículo, favorecem o pleno desenvolvimento do estudante.

A estruturação da Parte Diversificada do currículo leva sempre em consideração a identidade local ilustrada em cada sistema educacional.



INOVAÇÕES EM CONTEÚDO, MÉTODO E GESTÃO



O Modelo Pedagógico foi concebido para responder à formação do jovem no Século XXI, a fim de que ao final da Educação Básica, ele reúna as condições para executar o seu Projeto de Vida, idealizado e gestado ao longo dos Ensinos Fundamental e Médio.

À luz das questões trazidas e refletidas no contexto da sua concepção, o Modelo da Escola da Escolha tem como foco:

O jovem e o seu Projeto de Vida

Esse foco é nítido porque se assume uma sentença:

Apenas um jovem que desenvolve uma visão do seu próprio futuro e é capaz de transformá-la em realidade reunirá as condições para atuar nas três dimensões da vida humana – pessoal, social e produtiva – dotado da capacidade de iniciativa (ação), liberdade (opção) e compromisso (responsabilidade) para fazer escolhas, atuando de maneira autônoma, solidária e competente sobre os contextos e desafios, limites e possibilidades advindos deste século.

Na perspectiva dessa formação e na modelagem dessa concepção, tem-se claro que a Escola da Escolha:

- fundamenta-se em quatro princípios e se estrutura em duas bases

claras: um modelo pedagógico eficaz e um modelo de gestão comprometido com resultados;

- dispõe de um conjunto de metodologias que operam esses princípios;
- aciona estratégias para viabilizar o desenvolvimento das metodologias;
- demanda instrumentos cuja aplicação avalie a sua efetividade.

Tendo o JOVEM como foco do projeto escolar ao final da Educação Básica e a construção do seu PROJETO DE VIDA, o Modelo se efetiva na medida em que a escola provê, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, **três eixos** formativos essenciais e considera o estudante e suas circunstâncias como sendo **o alvo a partir do qual e para o qual** o Projeto Escolar se constrói e se estabelece sob a forma das relações, do currículo, das práticas pedagógicas e da gestão. O foco dos profissionais da escola e, conseqüentemente, de suas práticas, tem que possuir “nome e sobrenome”. Não pode ser abstrato, tem que “ser”, tem que “existir”, tem que “ocupar espaço”. E isso só mesmo o estudante e sua forma de interagir com o mundo podem oferecer. Nesse caso, o foco deve ser o estudante a quem os educadores servem com sua dedicação, suas competências técnicas, seu tempo, seu talento e seu exemplo. Para atingir tal objetivo, o Modelo proposto pelo ICE define **três eixos por meio dos quais a prática pedagógica se realiza**. Eles não concorrem entre si, mas coexistem, um não se sobrepõe ao outro porque os três são imprescindíveis para a formação do jovem idealizado na Escola da Escolha.



OS TRÊS EIXOS FORMATIVOS DO ESTUDANTE

FORMAÇÃO ACADÊMICA DE EXCELÊNCIA – A formação que se processa por meio de práticas eficazes de ensino e de processos verificáveis de aprendizagem e que asseguram o pleno domínio, por parte do estudante, do conhecimento a ser desenvolvido durante a Educação Básica. Não se fala de estudos para além desse nível de ensino, mas daqueles que devem ser assegura-

dos na intensidade, no tempo e na qualidade durante os Ensinos Fundamental e Médio. Não apenas um currículo configurado pela Base Nacional Comum e pelos documentos institucionais, mas, também, valorizado por uma Parte Diversificada que não seja considerada apêndice do currículo, e sim parte integrada e vital para assegurar o seu enriquecimento, aprofundamento e diversificação.

FORMAÇÃO PARA A VIDA – A formação que busca ampliar as referências do estudante com relação aos valores e princípios que ele constitui ao longo de sua vida nos diversos meios com os quais interage: famílias, amigos, igrejas, templos, clubes, centros de convivência e que contribuirão para a constituição de uma base sólida em sua formação. Uma base consolidada de conhecimentos e de valores deverá apoiar o estudante no processo de tomada de decisões e de escolhas que o acompanhará ao longo da construção e da execução do seu Projeto de Vida.

FORMAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS DO SÉCULO XXI – A formação integral se dá não apenas pela presença de um currículo pleno de competências cognitivas, mas também pela presença de um conjunto de outras competências essenciais nos domínios da emoção e da natureza social. O desenvolvimento do estudante, no conjunto dos outros domínios deverá contribuir para a formação de competências que impactam os diversos domínios da vida humana, no âmbito pessoal, social ou profissional.

Nessa perspectiva, o Modelo de Gestão oferece ao Modelo Pedagógico diretrizes objetivas de ação para que a equipe escolar possa tomar as decisões mais assertivas e articular a Base Nacional Comum e a Parte Diversificada do currículo (sempre costurada pelos princípios pedagógicos), para garantir que a formação de excelência, a formação para a vida e a formação para as competências para o século XXI aconteçam no dia a dia da escola, da sala de aula aos espaços para o exercício do Protagonismo de seus estudantes.

A articulação entre Modelo de Gestão

e Modelo Pedagógico possibilita ainda que uma nova cultura se instale em cada unidade escolar, baseada em valores, princípios e premissas comuns a todos os seus integrantes. Essa nova cultura possibilita, via Projeto de Vida dos educandos, que se reconfigure a forma de se fazer educação, em que a tomada de decisões para todas as ações escolares considera seus estudantes como objeto e ação de seu trabalho.

Ao esperar que o jovem atue como fonte de **iniciativa**, de **liberdade** e de **compromisso** e que ele responda aos desafios do mundo contemporâneo de maneira **autônoma**, **solidária** e **competente**, a prática pedagógica deve ser reconceitualizada em suas ações.

E nessa reconceitualização da forma de ver e considerar o estudante, a definição de Antonio Carlos Gomes da Costa fundamenta e orienta as diretrizes do Modelo:

- Ter o estudante como **fonte de iniciativa**: significa considerar que ele não é mero expectador dos seus processos de aprendizagem e vivências de experiências. Ele deve situar-se na raiz dos acontecimentos, envolvendo-se na sua produção.
- Considerar o estudante como **fonte de liberdade**: trata-se de reconhecer que devem ser oferecidas ao estudante as oportunidades para aprender a avaliar, a decidir e a fazer escolhas. Ele deve ter diante de si cursos alternativos de ação como parte do seu processo de crescimento como pessoa e como cidadão.
- Tratar o estudante como **fonte de compromisso**: porque ele deve se reconhecer como responsável por suas decisões e ações. Deve ser consequente e responder pelo que faz ou deixa de fazer.



PROJETO DE VIDA O EIXO PRINCIPAL DA ESCOLA

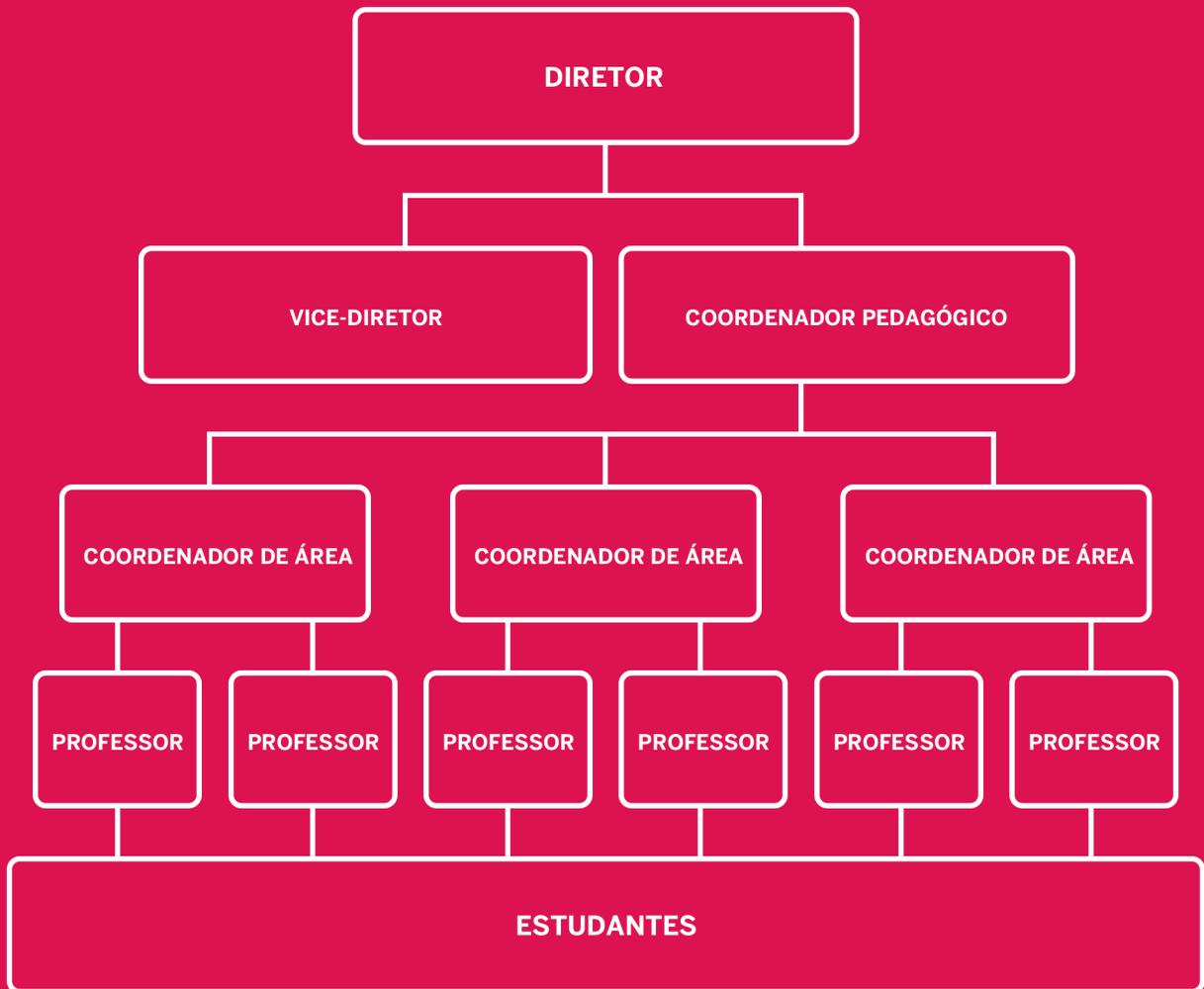
A partir dessa reconceitualização e reorientação, são introduzidas inovações em **conteúdo** (sobre o que ensinar enquanto aquilo que tem sentido e valor), **método** (sobre como ensinar) e **gestão** (sobre conduzir processos de ensino e de aprendizagem tratando do conhecimento a serviço da vida) e suas respectivas metodologias para reorientar a prática pedagógica e os seus processos educativos. Isso deve assegurar que a escola forme um jovem:

- **autônomo**, porque deverá ser capaz de avaliar e decidir baseado nas suas crenças, conhecimentos, valores e interesses;
- **solidário**, porque deverá ser fonte de solução, de iniciativa, de ação e de compromisso associado a responsabilidades;

- **competente**, porque deverá ser capaz de projetar uma visão de si próprio no futuro, amadurecendo gradativamente um processo decisório sobre aquilo que deseja para a sua vida.

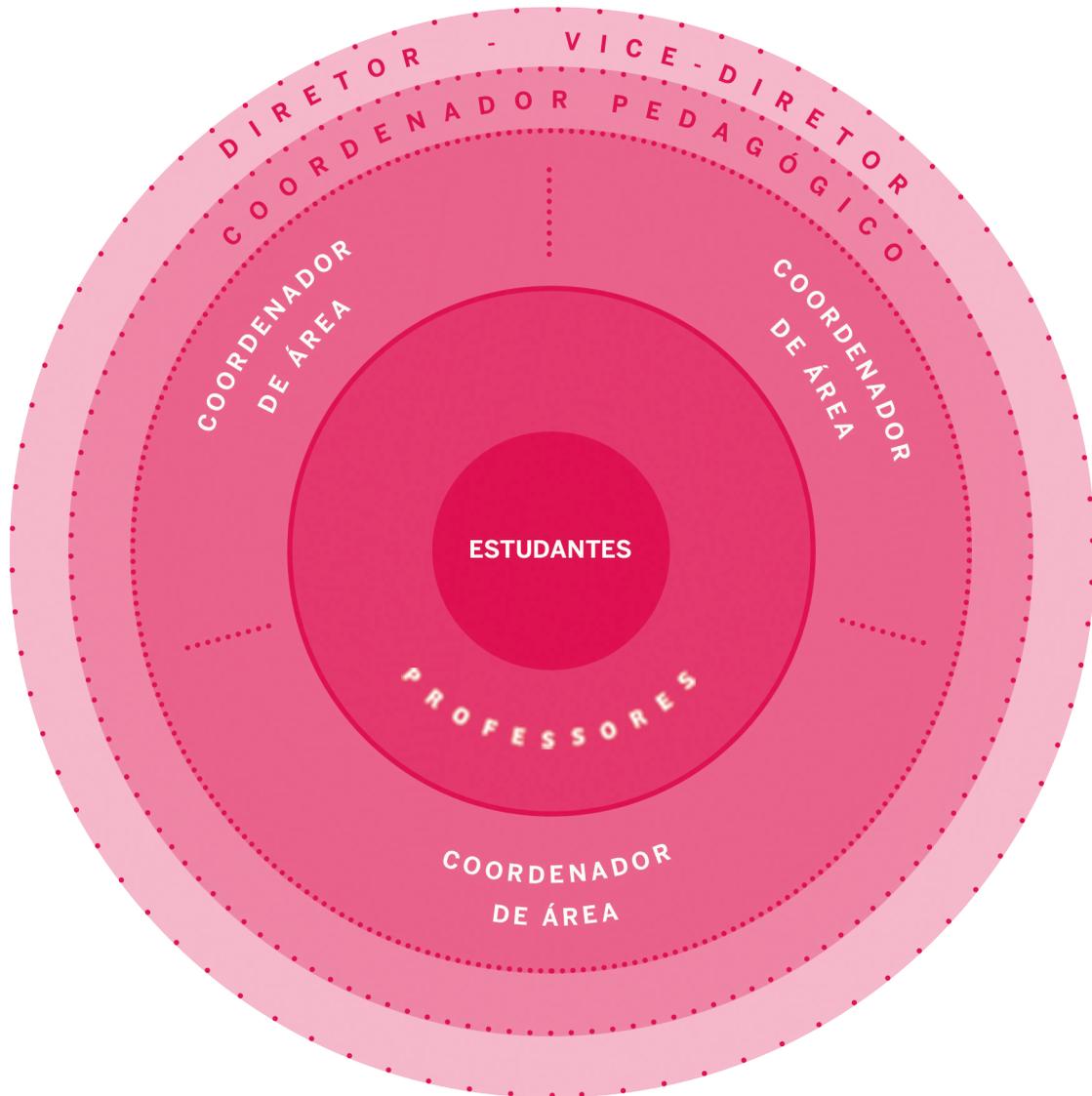
A seguir, apresentaremos o detalhamento do Modelo Pedagógico e como ele está conceitualmente alinhado à visão de sociedade, escola, educação e currículo, infância e juventude, como ele se alicerça em seus princípios educativos e, finalmente, como é operacionalizado por meio das suas diversas metodologias. Isso é reiterado pelos documentos que fundamentam o alinhamento político e conceitual já referenciado no Caderno Introdução às Bases Teóricas e Metodológicas do Modelo da Escola da Escolha.

Transformação



FORMA HISTÓRICA

Cultural da Escola

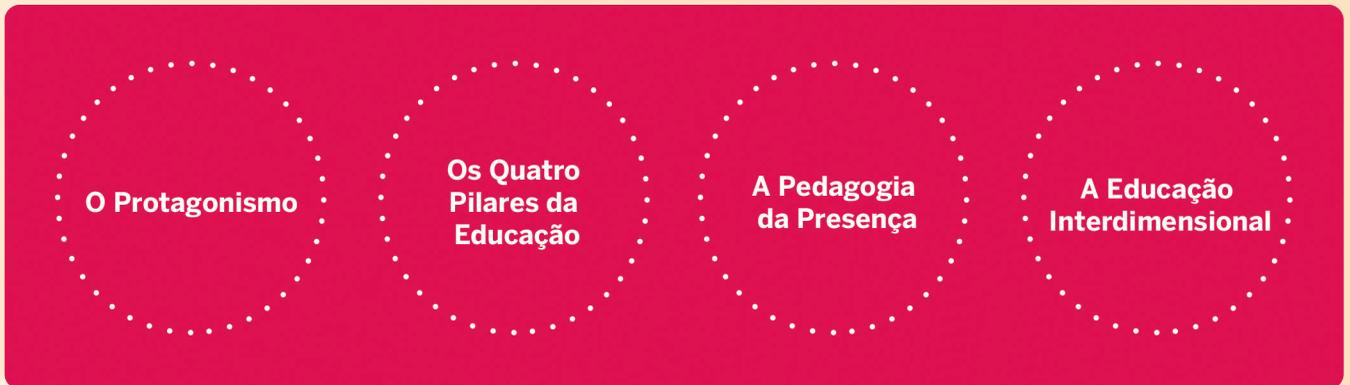


FORMA NOVA



Princípios Educativos

O sistema que caracteriza o Modelo Pedagógico está fundamentado em quatro princípios educativos:



PRINCÍPIOS EDUCATIVOS

Esses princípios servem para o alinhamento conceitual dos referenciais filosóficos às perspectivas de formação do jovem idealizado ao final da Educação Básica: autônomo, solidário e competente, capaz de desenvolver uma visão do seu próprio futuro e transformá-lo em realidade para responder aos contextos e desafios, limites e possibilidades trazidos pelo novo século e atuar sobre eles.

O Protagonismo

O Protagonismo foi evocado na concepção do Modelo Pedagógico pelo seu alinhamento à perspectiva de educação do Modelo da Escola da Escolha quanto à formação do jovem idealizado ao final da Educação Básica.

Ele se apresenta como princípio educativo, mas, também, é tratado como metodologia, que na escola se materializa por meio de um conjunto de práticas e vivências.

A palavra Protagonismo, de origem grega, usada no teatro, na literatura e, mais recentemente, na sociologia e na política para ilustração dos atores sociais como agentes principais dos seus respectivos movimentos, empresta também à educação o seu uso. Dessa forma, os educadores passam a chamar de Protagonismo os processos, movimentos e dinamismos sociais e educativos, nos quais os adolescentes e jovens, apoiados ou não pelos seus educadores, assumem o papel principal das ações que executam.

Educar pela perspectiva do Protagonismo

“Jovem, Olha! A vida é nova... a vida é nova e anda nua, vestida apenas com o teu desejo.”

- Mario Quintana

Uma resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (de 13 de março de 1996, intitulada Programa de Ação Mundial para os Jovens até o ano 2000 e anos subsequentes) reporta que em todas as partes do mundo os jovens desejam participar plenamente da vida em sociedade. O dado é o que permite passar das estereotipias às proposições.

Se os jovens querem participar da vida em sociedade, mas não o estão fazendo, significa que não tem havido espaço em que possam se expressar no vigor de sua vitalidade. Antonio Carlos Gomes da Costa conceitua Protagonismo juvenil como sendo a designação para a “participação de adolescentes

atuando como parte da solução e, não, do problema, no enfrentamento de situações reais, na escola, na comunidade e na vida social mais ampla”.

A vida aspira a mais vida, e é esse o recado dos jovens de todo o mundo quando declaram que querem participar da vida social de maneira plena.

Pelo cenário atual, o que o mundo vai exigir desses jovens é precisamente que sejam criativos.

De problema à solução

Uma breve análise histórica do século XIX, especificamente quanto ao advento da Revolução Industrial e à consequente e crescente onda migratória do campo para o meio urbano gerada na rota desse processo, permite afirmar que ela modificou profundamente alguns dinamismos típicos do universo juvenil e criou o que se passou a chamar de “problemática juvenil” nas grandes cidades. A família e a escola passaram a encontrar dificuldades para lidar com os desafios da juventude urbano-industrial em virtude das várias mudanças sofridas. Por exemplo, o relacionamento intenso do adolescente com os seus pares (as grandes distân-

cias entre as casas no ambiente rural deixaram de existir), não necessariamente acompanhada de políticas adequadas de aproveitamento desse tempo e de canalizações dessas energias em proveito do próprio jovem e da sociedade; o uso crescente de álcool, fumo e drogas ilícitas; gravidez na adolescência; DST e violência em suas diversas formas são alguns dos indicadores de consequências observadas junto à população juvenil.

Alguns modelos como resposta do mundo adulto a esse quadro surgiram nos diversos âmbitos. Os primeiros, chamados programas preventivos, atuavam em uma perspectiva correccional repressiva ao estilo “vigiar e

punir”, objetivando afastar os jovens dos fatores de risco ao apresentar as consequências da exposição a esses fatores. Na sequência, em virtude do fracasso da ação “sanitária-pedagógica”, investiu-se na adoção de práticas preventivas com base na afirmação da identidade e da valorização da autoestima do adolescente, logo substituídas pelo modelo adotado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que trabalha na perspectiva promocional da saúde, com enfoque no amplo bem-estar físico, mental, emocional e social.

Na perspectiva do Protagonismo,

tratar o jovem como solução do problema significa extrapolar os modelos então adotados e considerar uma concepção mais ampla do ser humano que abrange o próprio desenvolvimento do seu potencial.

Essa perspectiva se alinha com os fundamentos que nortearam a concepção do Modelo e ratifica a afirmação de que todo ser humano nasce com um potencial e que tem o direito de desenvolvê-lo. Para isso, é preciso ter oportunidades que, efetivamente, desenvolvam potencialidades e estas se encontram nas práticas educativas.

Da potencialidade à potência: para uma juventude criativa, solidária, autônoma e competente

“O Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolver-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso ”

- Antônio Carlos Gomes da Costa

Na Escola, é preciso...



Conceber os educandos como fonte e não simplesmente como receptores ou porta-vozes daquilo que os adultos dizem ou fazem com relação a eles.



Assegurar a criação de espaços e de mecanismos de escuta e participação.



Não conceber Protagonismo enquanto projeto ou ações isoladas, mas como **participação autêntica** dos educandos.



O Protagonismo possibilita ao educando o exercício de práticas e vivências de situações de aprendizagem por meio das quais exercitará as condições essenciais para o seu desenvolvimento pessoal e social, que tem sua base na própria construção da identidade e no desenvolvimento da autoestima - marcos fundamentais do Projeto de Vida.

Ao mesmo tempo, ao problematizar situações e decidir se envolver na busca de soluções, ele está dando os primeiros passos rumo à extrapolação do que separa a vida privada da vida

pública. Começa a estabelecer novos vínculos de compromisso com aquilo que transcende o seu próprio universo e passa a constituir um nível mais alto e mais profundo de ação, inaugurando um novo espaço de descoberta e experimentação social, um apelo à consciência ética e ao compromisso cidadão.

O Protagonismo trata também de um dever quando implica as questões ligadas ao bem comum. Tanto quanto sujeito que pratica a ação protagonista, o educando é, ao mesmo tempo, o objeto desta mesma ação.

Da relação educador-educando

"...eles e suas múltiplas juventudes são essenciais para as nossas vidas, são como uma tarefa a realizar, são a nossa chance de futuro."

- Thereza Barreto

A concepção de educação subjacente ao conceito de Protagonismo é aquela que trata do ato de educar como sendo capaz de transformar o potencial do ser humano em competências, habilidades e capacidades.

No Protagonismo...



O **educador** é um organizador, um cocriador de acontecimentos junto aos educandos. A **participação** é a base na qual o protagonismo do educando se estrutura. A **cooperação educador-educando** é o meio e a **autonomia** é o fim.



O **educando** deve ser visto como fonte de **iniciativa** (ação), de **liberdade** (ação) e de **compromisso** (liberdade).



A **presença educativa** é a base da relação educador/educando, na qual há **abertura, reciprocidade e compromisso**.

Colaboração é principal padrão de comportamento na adolescência

Autonomia não elimina o papel do educador como facilitador

Da potência à ação: a juventude participativa e atuante

Nas ações de Protagonismo o estudante se mobiliza em torno de atividades que extrapolam o âmbito dos seus interesses individuais e familiares, e podem ter como espaço a escola, a vida comunitária (igrejas, clubes, associações etc), até mesmo a sociedade em sentido mais amplo.

A quantidade e a qualidade das oportunidades de participação que os educandos usufruírem na vivência de

situações reais influenciarão no desenvolvimento de sua autonomia, de sua autodeterminação, que repercutirá ao longo de sua vida familiar, profissional e social.

Há uma relação direta entre receptividade, incentivo, apoio e desenvolvimento por parte dos adultos ou, ao contrário, de indiferença, suspeita, censura e hostilidade que despertam contra-reações por parte dos educandos, que variam da motivação à divergência e apatia.

Participação autêntica dos educandos é influir, por meio de palavras e atos, nos acontecimentos que afetam a sua vida e a vida de todos aqueles em relação aos quais ele assumiu uma atitude de não-indiferença, uma atitude de valoração positiva.

A escola é lugar privilegiado para um primeiro exercício dessa participação, sendo ela a primeira etapa do ingresso das crianças e adolescentes na dimensão da vida pública.

O Papel do Educador diante do protagonista é.....

Ajudá-lo a identificar a situação-problema e posicionar-se diante dela.

Empenhar-se para que ele não desanime e nem se desvie dos objetivos do grupo.

Favorecer o estabelecimento de vínculos entre os membros do grupo.

Zelar permanentemente para que a iniciativa dele seja compreendida e aceita pelos outros e pelos adultos.

Colaborar como seu apoio e incentivo.

A RELAÇÃO ENTRE OS EDUCADORES E EDUCANDOS NA ESCOLA

ETAPAS	DEPENDÊNCIA	COLABORAÇÃO	AUTONOMIA
1. A Iniciativa da ação	Iniciativa unilateral dos educadores	Educadores discutem se devem ou não assumir uma iniciativa	A iniciativa da ação parte dos próprios educandos
2. O Planejamento da ação	Educadores planejam sem a participação dos educandos	Educadores e educandos planejam juntos a ação	Educandos planejam o que será feito
3. A Execução da ação	Educadores executam e os educandos recebem a ação	Educadores e educandos executam juntos a ação planejada	Educandos executam o que foi planejado
4. A Avaliação da ação	Educadores avaliam os educandos	Educadores e educandos discutem o quê e como avaliar a ação realizada	Educandos avaliam a ação realizada
5. A Apropriação dos resultados da ação	Resultados apropriados pelos educadores	Educadores e educandos compartilham os resultados da ação planejada	Educandos se apropriam dos resultados

Os Quatro Pilares da Educação

"Sabemos o que somos, mas ignoramos no que podemos nos tornar"

- Hamlet. 4º ato, cena 5. William Shakespeare

No início da década de 1990, a Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI da UNESCO criou uma agenda de debates relacionando educação e sociedade. Tinha em vista concepções e práticas pedagógicas frente ao nascimento do novo século, que prenunciava a intensificação da oferta e meios para circulação de conhecimentos, armazenamento de informações e comunicação. O conhecimento será sempre ampliado. Mas, no passado, isso ocorria num processo gradual e aparentemente controlável.

Hoje, o conhecimento e a geração de informações crescem a taxas geométricas e os meios de comunicação se tornam a cada dia uma agência de educação dominante em todo o mundo, ainda que por vezes involuntária.

Naquela década, constituiu-se uma comissão composta por educadores reconhecidos mundialmente, sob a coordenação do então Ministro da Cultura da França, que delinearam as trilhas pelas quais a educação deverá avançar neste início de século, assumindo que (a educação) "(...) surge como um

trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social”.

O relatório da Comissão, intitulado **Educação: um tesouro a descobrir**, de 1996, trouxe com força a reflexão e discussão em torno da busca contínua “de uma concepção e de uma prática educacionais que revelem a todos o valor do aprendizado ao longo da vida e possibilitem a emergência de todos os nossos talentos, individuais e coletivos”.

O relatório convida a pensar na educação ao longo da vida como uma maneira de lidar e viver no mundo contemporâneo marcado por transformações rápidas e profundas, além de apoiar no discernimento de quais informações são relevantes entre tantas que surgem a cada milissegundo e de todos os cantos do planeta. Essa visão educacional deve ajudar os seres humanos a usufruírem das oportunidades ao seu alcance e ajudar a criar novas oportunidades para aqueles que vierem depois.

Nessa visão prospectiva, a mensagem do relatório é clara:

- O objetivo da educação não se restringe a assegurar a transmissão de conhecimentos, mas a criação de um desejo de continuar a aprender por toda a vida a partir do reconhecimento de que aprender é viver em transformações de si próprio e dos outros;
- A necessidade de refletir e criar as condições para se oportunizar a convivência e a gestão de conflitos no convívio pacífico e de prática cidadã.
- O equívoco sobre a percepção de acumulação de determinada quantidade de conhecimentos da qual se possa se abastecer indefinidamente.
- A perfeita noção de que aprendiza-

gem ao longo de toda a vida envolve o desenvolvimento de conhecimentos, competências e valores em todas as dimensões e em todas as fases da vida de uma pessoa, desde a infância até a idade adulta, em qualquer nível ou espaço de ensino e em qualquer cultura.

- O reconhecimento de que aprendizagem não é apenas um processo intelectual, mas o meio fundamental para o desenvolvimento do indivíduo por meio de todas as dimensões da vida humana, considerando o seu desenvolvimento pessoal, social e produtivo.

- O indicativo de um ideal antropológico em termos de formação humana que, se perseguido com competência e persistência, poderá contribuir sobremaneira com as futuras gerações.

- A perspectiva filosófica e educacional coloca a sociedade diante de uma nova proposição de formação humana educativa ampliada, em que aqueles que aprendem devem fazê-lo de modo que sintam prazer em aprender, desenvolvam interesses variados e queiram nutrir suas mentes para o resto de suas vidas, inspirados por um ideal de formação a exemplo da Paideia.



A ideia grega de Paideia estava ligada a um ideal de formação educacional, que procurava desenvolver o homem em todas as suas potencialidades, de tal maneira que pudessem ser um melhor cidadão. O termo também significa a própria cultura construída a partir da educação. Era o ideal que os gregos cultivavam do mundo, para si e para sua juventude. Uma vez que o governo próprio era muito valorizado pelos gregos, a Paideia combinava ethos (hábitos) que o fizessem ser digno e bom tanto como governado quanto como governante. O objetivo não era ensinar ofícios, mas sim treinar a liberdade e a nobreza. Paideia também pode ser encarada como o legado deixado de uma geração para outra na sociedade.

- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paideia>,
acesso em 21/08/2014

Assim, o relatório indica que à educação “cabe fornecer, de alguma forma, os mapas de um mundo complexo e em movimento constante e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar nele.” E ainda, que “é necessário estar à altura para aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer esses primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança”.

Para responder à visão e ao desafio do relatório, a comissão propõe que a educação deve se organizar em torno de quatro pilares do conhecimento. Isso é o contrário do que tem sido a expressão do ensino formal, orientado prioritariamente pelo desenvolvimento das capacidades cognitivas.

OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO

APRENDER A
CONHECER

APRENDER A
FAZER

APRENDER A
CONVIVER

APRENDER A
SER

Nenhum pilar se sobrepõe a outro e deve ser objeto de igual atenção por parte do processo estruturado de educação. Só assim ela será uma experiência a ser concretizada ao longo da vida, em todas as suas dimensões, tanto no plano pessoal como no social.

Uma nova e ampla concepção de educação, passa a ser uma condição essencial para responder aos desafios do novo século, no qual se supere a visão instrumental de educação e se passe a considerá-la como o meio para a realização da pessoa em toda a sua plenitude, ou seja, aquela que “aprende a ser”.

Essa percepção pode ser ilustrada pelo fato dos autores considerarem os “pilares” como “aprendizagens” e não se referirem como “competências” ou mesmo “conhecimentos”. Para ilustrar essa leitura, José Eustáquio Romão, em *O Ensino Médio e a Omnilateralidade: Educação Profissional no século XXI*, destaca o pensamento de Jacques Delors: “insiste em conjugar – em todos os sentidos da palavra – dois verbos em cada um dos ‘pilares’, sendo

que o primeiro, ‘aprender’, se repete em todos eles. Ele não propõe ‘aprender o conhecimento’, ‘aprender o feito’, nem ‘aprender a convivência’. Ao contrário, apresenta o segundo termo também no infinitivo, conferindo-lhe um dinamismo, um caráter processual não suportado por vocábulos estáticos, estruturais e estruturados como ‘conhecimento’, ‘feito’ e ‘convivência’. ‘Aprender o conhecimento’ é ‘aprender o conhecido’, enquanto ‘aprender a conhecer’ é participar da pesquisa e do processo de construção do conhecimento. ‘Aprender a fazer’ é muito mais do que aprender como é feito. É também construir os modos e os instrumentos da ‘feitura’. Finalmente, ‘aprender a conviver’ não se reduz ao conhecimento das convivências – geralmente marcadas pela competição e pelos conflitos – mas se estende à busca do conhecimento das diversidades étnicas, econômicas, políticas, sociais, religiosas e culturais e participa das estratégias de reconstrução da convivência na diferença”.

O ideal formativo do Relatório Educação: Um tesouro a descobrir

Os Quatro Pilares são as aprendizagens fundamentais para que uma pessoa possa se desenvolver plenamente, considerando a progressão das suas potencialidades, ou seja, a capacidade de cada um de fazer crescer algo que traz consigo ou mesmo que adquire ao longo da vida.

Aqui se entende com mais clareza a metáfora anunciada no título do relatório, a de que cada pessoa traz em si um tesouro a descobrir desde que submetida a um processo educativo, seja a Educação Básica, a Educação Profissional, a Educação Superior, a Educação Empresarial, entre outros âmbitos nos quais se realiza uma ação educativa.

Pilar do Aprender a Conhecer

Essa aprendizagem vai além do domínio do conhecimento e não se limita à aquisição de um acervo de saberes propriamente ditos. Ela se estende ao domínio da forma como se adquire o conhecimento e das diversas maneiras como cada um irá lidar por meio do acesso ou da sua produção. Para Jacques Delors: “aprender a conhecer supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento.”

A literatura a trata como simultaneamente um **intermédio** e uma **finalidade**. É meio, porque por meio dele se pretende que cada um aprenda a compreender e a lidar com a complexidade do mundo e do seu entorno sob os seus diversos aspectos, condição necessária para viver dignamente, para desenvolver possibilidades pessoais e profissionais, para desempenhar um papel muito mais ativo na determinação da verdade, beleza e bondade, que impregnarão suas próprias vidas.

Além da “aquisição” de conhecimento por meio de formas meramente descritivas, isso pressupõe compreender as bases e as condições em que se produzem os diferentes tipos de conhecimento e de pensamento.

De modo geral, tratando-se de conhecimentos científicos, por exemplo, a escola ainda põe em prática

concepções cuja origem remontam ao século XVIII, “transmitindo” conhecimentos acriticamente só por estarem previamente validados com o estatuto científico (como se condições subjetivas e intuitivas não estivessem implicadas na construção de grandes teorias científicas e como se teorias científicas não pudessem ser questionadas nos termos de suas proposições, como Chalmers já discutiu).

“Na prática, podemos dizer que esse pilar era o centro das descobertas, das novas aprendizagens em sala de aula. Isso acontecia quando associávamos conteúdos nas aulas interdisciplinares, quando descobríamos como ter um novo olhar sobre um determinado assunto mesmo que já o conhecêssemos. Além do uso das salas temáticas, nos laboratórios tínhamos grandes experiências de como aprender a construir novos conceitos, de obtermos novos e variados conhecimentos.”

- Olga Lucena, estudante

E é fim, porque o prazer de descobrir, de conhecer e de compreender o mundo e as suas múltiplas formas de realidade é um fundamento para a aquisição da autonomia na capacidade de discernir. A produção de conhecimento pressupõe um altíssimo trabalho criativo. De muitas maneiras, a escola ainda faz opções distantes dessa perspectiva.

Essa descoberta e compreensão do mundo se dá a partir do despertar da curiosidade intelectual e do espírito crítico, da apreciação do ato de questionar, de investigar, da alegria

do pesquisar, conhecer, compreender, descobrir, construir e reconstruir, criar e recriar o conhecimento e a qualidade das relações que se estabelece com ele e as possíveis formas como o conhecimento pode qualificar a vida humana.

Considera-se a importância de uma educação ampla, com a forte presença de uma cultura geral robusta e sólida, aberta a diversos campos do conhecimento e que convoca diferentes visões e metodologias para se abrirem a uma perspectiva de relações construtivas entre as várias disciplinas.

A Comissão considera que a Educação Básica será bem sucedida se conseguir levar às pessoas as bases fundamentais e o desejo para continuar aprendendo ao longo de sua vida, em suas várias dimensões. Manter-se em dia com o que acontece em distintas áreas de interesse, refletir sobre os seus significados e procurar manter atualizada a sua compreensão é fundamental. Estar alerta a respeito da preservação de certos hábitos de pensamento e ação, mesmo que cómodos, e ser permeável a novas linhas de pensamento e ação, mesmo que incômodos, requerem novos aprendizados e o questionamento desses aprendizados.

Para isso, Aprender para Conhecer deve integrar os três domínios da **metacognição**:

a) Aprender a aprender: é capacidade da pessoa em praticar o **autodidatismo**, ou seja, compreender, refletir e assimilar determinado conhecimento a partir de si próprio e dos recursos de que dispõe. É alguém capaz de acionar os mecanismos para o aprendizado, que não é passivo, e que vai ao encontro daquilo que deseja conhecer, desde a sua necessidade até a sua aplicação.

O tema metacognição tem sido investigado no Brasil de forma crescente. Tal evolução pode estar relacionada às teorias do desenvolvimento cognitivo que evidenciam os aspectos qualitativos dos processos e estratégias do processamento de informação. A literatura afirma que ainda não existe um consenso. Todavia, o referido termo é muito abordado em áreas como, por exemplo, Psicologia e Pedagogia, e neste contexto o conceito tem o sentido de refletir sobre as experiências cognitivas.

É também um recurso para se permitir ser afetado pelo inédito e não temer o desconhecido.

b) Ensinar o ensinar: é a capacidade da pessoa em praticar o **didatismo** a partir do domínio de conhecimentos e de estratégias capazes de transmiti-los de forma metódica, clara, objetiva e acessível a outras pessoas, considerando a sua capacidade de assimilar e interagir com esse conhecimento. É alguém que motiva o outro a conhecer, a querer conhecer e que o compromete com esse processo, apoiando-o no desenvolvimento e na descoberta de suas capacidades.

c) Conhecer o conhecer: é a capacidade da pessoa em praticar o **construtivismo**, transitando pelo caminho da construção do conhecimento, mobilizando a sua condição para analisar, sintetizar e interpretar dados, textos, fatos e situações diversas.

Essa aprendizagem está presente na prática pedagógica quando...

... o método científico é introduzido nos desenhos curriculares, estimulando a capacidade de observação, a atenção e o exercício da memória associativa;

... são desenvolvidas estratégias que levam os estudantes a observar o seu entorno e a estabelecer relações entre aqueles que os rodeiam;

...os estudantes são estimulados a questionar sobre o que não conhecem, a buscar novas informações e aprender a selecionar o que é relevante e o que não os ajuda a responder seus questionamentos;

... as atividades de monitoria acadêmica são encorajadas e apoiadas junto aos estudantes.

Pilar do Aprender a Fazer

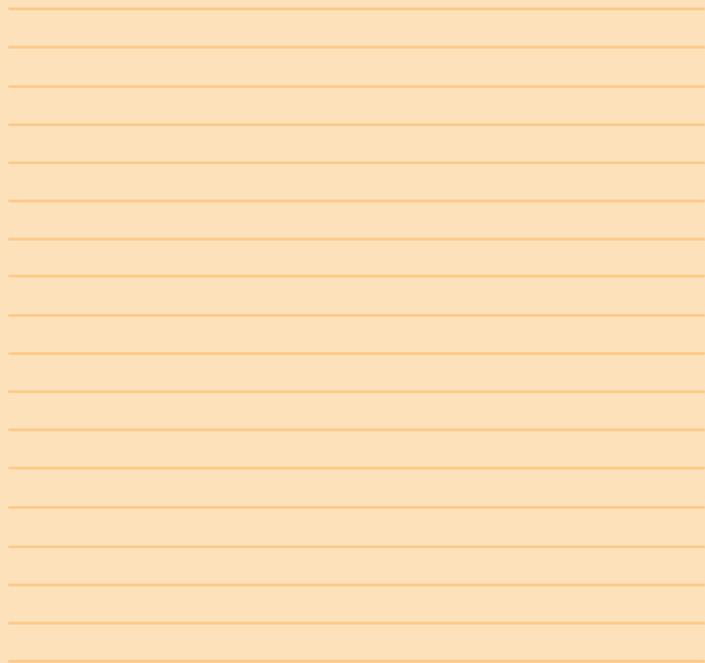
Os Pilares Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer guardam uma relação importante entre si, ainda que Aprender a Fazer esteja mais ligado ao âmbito da formação profissional, mas não restrito a ele.

As mudanças na geografia do mundo do trabalho contemporâneo alteram as qualificações exigidas pelos processos produtivos. Caracteriza-se um movimento que a literatura intitula “desmaterialização do trabalho”.

O fazer deixou de ser puramente instrumental. Valoriza-se a competência pessoal, que torna a pessoa apta a enfrentar novas situações, e não apenas a restrita qualificação profissional. Não basta se preparar para se inserir no mundo produtivo. A rápida evolução pela qual passam as profissões exige não apenas níveis superiores de instrução, mas que o indivíduo esteja apto a enfrentar novas situações nas quais

trabalhar em equipe de modo cooperativo, gerenciar e resolver conflitos, desenvolver espírito contributivo e atitude de humildade se tornam valores imprescindíveis ao trabalho coletivo.

Ou seja, qualidades humanas que se manifestam nas relações interpessoais e que são mantidas no trabalho passam a ser mais apreciadas.



“Se tivéssemos de eleger um jargão popular para ilustrar esse pilar, o mais indicado seria pôr a mão na massa. A todo o momento éramos instigados a fazer nossos trabalhos de forma diferente. Dentre as características e os exemplos que identificam esse pilar, podemos destacar que a capacidade de iniciativa, a criatividade e a autonomia dos jovens são fundamentais no processo de descoberta de como fazer as atividades de maneira diferente do comum. Trabalhado na TESE, esse pilar se destaca na vida dos jovens, que assimilam essa forma estruturada de agir e que contribui nas diversas áreas de sua vida. Mais tarde, isso é refletido no seu diferencial competitivo no ambiente profissional”

- Olga Lucena, estudante

A flexibilidade é essencial assim como a capacidade de ter iniciativa e de se comunicar, não apenas na retenção e transmissão de informação, mas também ampliada para a capacidade de interpretar e selecionar a abundância de informações, muitas vezes contraditórias, de analisar diferentes pers-

pectivas e refazer as próprias opiniões mediante novos fatos e informações. Aprender a fazer envolve uma série de competências produtivas a serem desenvolvidas pelo domínio de habilidades básicas, específicas e de gestão, que possibilitarão a inserção das pessoas no mundo produtivo.

Essa aprendizagem está presente na prática pedagógica quando...

... os estudantes são envolvidos em processos que conduzem a resultados, conclusões e/ou compromissos com a prática cooperativa para a geração de resultados comuns.

Pilar do Aprender a Conviver

A aprendizagem de que trata esse pilar é a de desenvolver a compreensão e aceitação de si próprio e do outro e a percepção da interdependência entre os seres humanos, no sentido do convívio, do trato, da realização de projetos comuns, da preparação para aprender a gerir conflitos respeitando valores plurais, da compreensão mútua e da convivência pacífica.

Nos discursos correntes, identifi-

ca-se cada vez mais o reconhecimento da necessidade para fazer valer a coexistência pacífica e harmoniosa entre as pessoas e entre as pessoas e os lugares. No entanto, também se é jogado diante da hostilidade gratuita, da indiferença e da aridez do cotidiano.

A Filosofia, a Sociologia e outras áreas do conhecimento chamam a atenção para a natureza humana caracterizada pela construção de vínculos, de laços,

de relações e pela ideia de que não há existência humana sem que haja comunicação, diálogo e que os objetos não existem sem que haja interação entre eles.

Cada um traz consigo um acervo de experiências, de conhecimentos, de herança cultural, de valores, de características e distintas formações. Nas relações que se estabelecem entre as pessoas, não são o conhecimento nem os bens materiais que o sujeito carrega que instalará o reconhecimento de um pelo outro, mas a sua história, a sua

narrativa. E é nesse reconhecimento que se instalam as qualidades da relação, seja tensa ou integradora, construtiva ou predadora, harmônica ou conflituosa, de troca ou usurpação, de crescimento ou aniquilamento, de ódio ou compaixão, de respeito ou desprezo.

A sociedade partilha de um destino comum. Aprender a viver junto, com igualdades, semelhanças e diferenças é vital para que nunca se perca de vista a referência de que há uma condição que torna todos iguais: a consciência da incompletude e impermanência.

“Podemos exemplificar de duas formas como aprendíamos a conviver e a trabalhar com o outro. Conhecer o outro faz parte do processo de identificação, de respeitar as diferenças, de saber conviver com as singularidades de cada indivíduo, de se colocar no lugar do outro, reconhecendo a necessidade de entender suas potencialidades e seus limites. Para trabalhar com o outro é necessário desenvolver a capacidade de reconhecer que o outro jovem é um parceiro em sala de aula e poderá ser um parceiro profissional no futuro. É preciso aprender a valorizar as características pessoais que contribuem para a execução de projetos comuns, a admitir que outras pessoas possuem aptidões que às vezes não possuímos e que se trabalharmos em equipe, nossas habilidades se complementarão.”

- Olga Lucena, estudante

Essa aprendizagem está presente na prática pedagógica quando...

...a escola promove e cultiva um ambiente que trata a diversidade como valor, praticando e inspirando a tolerância e o respeito;

...as diferenças culturais, étnicas, físicas, sensoriais, intelectuais ou religiosas são tratadas como oportunidades para aprender a compartilhar outras formas de pensar, de sentir e de atuar;

...o conflito não é evitado ou negado, mas enfrentado a partir do diálogo que compromete os envolvidos na sua resolução;

...a solidariedade é um valor e está presente nas relações entre a comunidade escolar (os educadores, estudantes e suas famílias);

... os estudantes e educadores aprendem a argumentar e a defender ideias se apoiando em fatos, conceitos, princípios e valores.

Pilar do Aprender a Ser

A parte mais importante dessa aprendizagem é a afirmação de que Aprender a Ser é dispor de um conjunto de competências que possibilitam alguém a se relacionar melhor consigo mesmo como condição para se relacionar com os outros e com as suas circunstâncias naturais, sociais, econômicas, políticas e culturais, além de se relacionar com a dimensão transcendental, de natureza religiosa ou não.

A comissão adere ao postulado anunciado no relatório coordenado por Edgar Faure: *“o desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e na complexidade de suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos”*.

Essa é a aprendizagem que prepara o indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e formular seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo perante as diferentes circunstâncias da vida. Ajuda a desenvolver a competência pessoal, que é a capacidade da pessoa para agir com autonomia, responsabilidade e compromisso na relação consigo próprio, na convivência com os outros e com os meios nos quais estão e na construção de um Projeto de Vida que leve em conta o seu próprio bem estar e o da comunidade.

Esse pilar conjuga as demais competências na medida em que, se desenvolvidas, contribuem para o desenvolvimento das potencialidades humanas inscritas nos seus vários domínios.

A educação é o caminho para esse

desenvolvimento se ela for tratada numa visão mais ampla do que simplesmente a transmissão de conhecimentos. Fala-se aqui de educação como meio para levar o ser humano ao que Abraham Maslow considera como sendo autorrealização.

Em 1971, Edgar Faure presidiu a Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, uma das primeiras iniciativas da UNESCO frente ao diagnóstico de crise na educação mundial. O relatório é considerado um marco importantíssimo na história do pensamento educacional da Organização.



O que uma pessoa poderá ser, deverá ser.

“Um músico deve compor, um artista deve pintar, um poeta deve escrever, caso pretendam deixar seu coração em paz.

O que um homem pode ser, ele deve ser. A essa necessidade podemos dar o nome de autorrealização.”

- Abraham Maslow

Uma das mais altas necessidades do ser humano é a de se autorrealizar, que possa desenvolver as suas potencialidades, de se tornar aquilo que tem potencial e usufruir ao máximo daquilo que pode produzir. Não preencher essa necessidade é como limitar a vida a um conjunto de realizações sem sentido nem significado.

Nos seus estudos para identificar as habilidades relativas a esta competência, o professor Antonio Carlos Gomes da Costa elencou 12:

Autoconhecimento: numa perspectiva epistemológica, quer dizer conhecer como resultado da capacidade de pensar sobre si próprio e, numa perspectiva filosófica, ampliando a leitura para outras dimensões que não apenas a razão (o logos) mas também a emoção (o pathos), o instinto (o eros) e a espiritualidade (o mythos). O autoconhecimento conduz à autocompreensão e à autoaceitação, que levam o ser humano a dizer “sim” a si mesmo. Reconhece suas forças para agir e decidir nos diversos campos da sua vida, fazendo uso dos seus conhecimentos e das suas capacidades. Consciente das suas limitações, adota a postura de buscar apoio e aprende a realizar junto aos outros.

Autoestima: relaciona-se à aceitação e à valoração que a pessoa faz sobre si próprio. É da capacidade de se aceitar e de se compreender que nasce e se

cultiva o sentimento sobre si mesmo e, por consequência, a base das competências sociais.

Autoconceito: conceituar a si próprio pela razão e não pela emoção. Um conceito positivo sobre si próprio se relaciona com a aceitação que a pessoa tem de si mesma, sua autoestima.

Autoconfiança: a convicção de ser capaz de realizar algo e de enfrentar os desafios, porque dispõe das forças, das capacidades, das condições e do discernimento para avaliar e decidir. Da capacidade, também, de reconhecer que, se necessário, saberá dispor do apoio de outros, o que diferencia essa habilidade da autossuficiência e da prepotência.

Autovisualização: projetar a vida a partir de uma visão que se constrói do próprio futuro é essencial. As pessoas que constroem uma imagem afirmativa, ampliada e projetada no futuro, e atuam sobre ela têm mais possibilidades de realizá-las do que aquelas que sonham, mas, pela ausência de um plano, não conseguem projetar de forma nítida o que pretendem fazer. Aquelas que têm uma visão estão comprometidas, direcionadas, fazendo algo de concreto para levá-las na direção dos seus objetivos. Uma visão sem plano para realizá-la é uma fantasia, uma ficção.

Autodeterminação: a partir da própria vontade e não da vontade de outros, determinar o rumo dos aconte-

tecimentos sob o seu controle. A ação de uma pessoa que se autodetermina é resultado não apenas da vontade em realizar algo, mas da capacidade de compreender o que será feito, ou seja, do exercício a partir das dimensões da cognição, da emoção e da atitude.

Autoproposição: a capacidade de projetar no futuro os sonhos e ambições e traduzi-los sob a forma de um plano com objetivos, com metas estabelecidas, prazos para a sua realização e ações. Não é apenas o despertar sobre os sonhos, ambições e aquilo que deseja para a sua vida, mas o agir sobre eles. É experiência da elaboração do Projeto de Vida, de conferir sentido e significado para a vida, perante si próprio, com quem se relaciona e com os compromissos que assume.

Autotelia: a capacidade do ser humano em definir a própria orientação que deseja afirmar para a sua vida.

Autonomia: a capacidade do ser humano em tomar as próprias decisões baseadas nos seus conhecimentos, crenças e valores e responder por elas.

Autopreservação: a resiliência traduz autopreservação como sendo a capacidade de o ser humano lidar com problemas, superar dificuldades, resistir à

pressão de situações adversas e crescer por meio delas numa perspectiva positiva. É proteger a integridade psicológica e moral diante de situações de extrema pressão e ser capaz de desenvolver posturas construtivas. É resistir e crescer na adversidade. Ela é variável, construída num processo de interação do ser humano consigo próprio e com o meio ambiente ao longo de toda a vida.

Autorrealização: é a plenitude do desenvolvimento do ser humano considerando as suas potencialidades. É a experiência de crescimento que atribui sentido e significado às ações para a sua autorrealização. É comum a ideia de autorrealização ser identificada apenas como conquista do sucesso e da fruição do prazer, que muitas vezes se confunde com realização profissional e de status. Mas aqui se trata da autorrealização construída durante toda a vida, num movimento dinâmico e contínuo.

Autotranscedência: para se realizar, o ser humano deve procurar um sentido para a sua vida fora de si próprio, que o transcenda, que vá além, tornando real todo ou parte do seu potencial nos diversos âmbitos de sua realidade pessoal.

Essa aprendizagem está presente na prática pedagógica quando...

... os estudantes são estimulados, a partir de situações reais e cotidianas, a desenvolver a capacidade de reflexão e reconhecimento da existência do outro, de dominar a si próprio pelo autocontrole, de assumir as consequências da ação ou da não ação, respondendo por aquilo que escolhe e aprende a deliberar entre alternativas.

A Pedagogia da Presença

"Do início ao fim, a vida de cada um de nós se traduz num desejo constante de presença."

- Antônio Carlos Gomes da Costa

A Pedagogia da Presença: um exercício pessoal, profissional e cidadão

É o terceiro princípio educativo eleito para fundamentar o Modelo Pedagógico, fortemente influenciado pela teoria de Antonio Carlos Gomes da Costa em sua obra.

Esse princípio está presente nas ações de toda a equipe escolar por meio de atitudes participativas e afirmativas, ultrapassando as fronteiras da sala de aula. Materializa-se por meio do estabelecimento de vínculos de consideração, afeto, respeito e reciprocidade entre os estudantes e os educadores. É o fundamento da relação entre quem educa e quem é educado e traduz a capacidade do educador de se fazer presente na vida do educando, satisfazendo uma necessidade vital do processo de formação humana.

A essência da Pedagogia da Presença é a reciprocidade. O objetivo central é a mudança da forma de o educando se relacionar consigo mesmo e com os outros, no processo de Aprender a Ser, Aprender a Conviver, Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer, conforme norteiam os Quatro Pilares da Educação propostos pela UNESCO e outro dos princípios educativos presentes neste Modelo.

O educador incorpora atitudes básicas que lhe permitem exercer uma influência construtiva, criativa e solidária na vida do educando. Este, por influência dessa relação com o educador, amplia e desenvolve auto-

conhecimento, autoestima, autoconceito e autoconfiança, o que possibilita o aprimoramento de competências para relações interpessoais e exercício de cidadania, elementos fundamentais para sua formação e construção do seu Projeto de Vida.

Na prática, a presença pedagógica se traduz em compartilhamento de tempo, experiências e exemplos entre educador e educando. No ato de educar, educando e educador se tornam visíveis, perceptíveis, e se fazem presentes em seu meio, em seu tempo e em suas histórias, enquanto indivíduos e enquanto membros de suas gerações. O que torna isso possível para o jovem, como explica Antônio Carlos Gomes da Costa, é o fato de o jovem perceber que "alguém compreendeu e acolheu suas vivências, sentimentos e aspirações, filtrou-os a partir de sua própria experiência e comunicou-lhe com clareza a solidariedade e a força para agir".

A large pink rectangular area at the bottom right of the page, containing several horizontal white lines, intended for student writing or reflection.

Ajuda e presença para o jovem do século XXI

Sentimento de abandono, de (des)vinculação, de (des)encontro, de solidão, de isolamento, de (in)comunicabilidade. Quem, já tendo passado pela adolescência, pode dizer que desconhece? Falta de presença. Falta de experimentar, em algum momento, a consciência tranquilizadora de que sua vida tem valor para alguém. Na raiz dos casos mais complicados, aqueles que ultrapassam as fronteiras definidas para a chamada “normalidade”, invariavelmente, estão a repetição, a intensidade e/ou a recorrência dessas “faltas”.

É uma questão de **resiliência**, capacidade de superar a adversidade, recuperar-se, readaptar-se e levar a vida adiante de maneira significativa.

Na Pedagogia da Presença, o próprio ambiente escolar pode oferecer um clima forjador de resiliência, para o qual o psiquiatra chileno Jorge Barudy Labrin identifica alguns fatores:

- afetividade e vínculos (sentir-se querido leva a responder melhor em termos de conduta e cognitivos);
- estrutura (a escola promove a interiorização de limites);
- tomada de consciência da realidade (dar-se conta do que vive e saber que não é culpado por isso);
- criatividade e humor (sentir-se bem graças à maneira como a escola se organiza em função dos alunos);
- expectativas elevadas (encontrar afeto e confiança leva a se esforçar para corresponder às expectativas);
- construção de uma história (refletir sobre sua vida).

Os meios da ação educativa

Tudo o que se faz para favorecer o desenvolvimento pessoal e social do educando é ação educativa. Isso inclui todas as atitudes, posturas, gestos e ações voltadas para o desenvolvimento pessoal, social, produtivo ou cognitivo do educando, tanto em atividades educativas (formais ou informais) como em atividades de lazer, profissionalização ou cultura.



Qual é o tempo da presença?

O tempo da presença só pode ser o presente. No entanto, o presente passa depressa e deixa as pessoas com impressões passadas e esperanças futuras, entre as quais, constantemente, se desloca para tecer o agora. A qualidade desse delicado movimento de ir-e-vir entre o que já foi e o que será (sem esquecer todas as diferenças existentes entre as histórias e perspectivas das pessoas envolvidas) determina a qualidade da presença pedagógica, que não é uma situação estática, e sim uma atividade dinâmica e incessante realizada na totalidade de um ambiente dedicado à educação. Segundo Emerson, filósofo e escritor norteamericano do século XIX, a conversa é um modo de se aproximar tanto de si mesmo quanto do outro. Muito mais do que um lugar e um tempo, a presença é o resultado de um alinhamento de disposição, estado de espírito e aprendizagens. Na criança, uma inteligência intuitiva leva a viver intensamente o momento presente de modo natural, e a capacidade de plena consciência é espontânea. À medida que se cresce, as pessoas passam a antecipar e a voltar ao passado. Logo, corre-se o risco de esquecer essa capacidade de plena consciência de presença.

● **Presença pedagógica é exercício ativo de atenção, de diálogo com intensa escuta do outro e de si próprio.**

Mas quais são os tempos da presença pedagógica?

O presente, em que é preciso estar e agir de maneira plena e inquestionável.

O passado, que é preciso compreender: aprender com a experiência acumulada.

Nos planos individual e social: lembrar, analisar, sintetizar, interpretar, relacionar dados, fatos e situações do passado e deles extrair lições e princípios para melhor se conduzir no presente e construir o futuro.

O futuro, que é preciso visualizar e construir: quanto mais a pessoa se conhece e percebe suas circunstâncias e sua trajetória até aqui, mais será capaz de traçar um caminho para chegar ao ponto que gostaria de atingir.

O presente, de novo e sempre, ao qual se deve conscientemente retornar para interagir de maneira plena e inquestionável no exercício da tarefa de educar.

Três tipos de diálogo

Para ser capaz de ir até o outro é indispensável partir de si mesmo, ou seja, estar em si mesmo e consigo mesmo (em outras palavras, é preciso presença). O diálogo entre indivíduos é só um esboço. E esse esboço só é preenchido quando há um diálogo entre pessoas. Martin Buber nos traz três tipos de diálogo:

- **Diálogo genuíno** (falado ou silencioso): cada participante realmente tem em mente o outro (ou os outros) em seu ser presente e particular e se volta para ele(s) na intenção de estabelecer uma relação mútua e viva.
- **Diálogo técnico**: motivado unicamente pela necessidade de entender objetivamente alguma coisa. Este é o mais comum na vida “moderna”.
- **Monólogo disfarçado de diálogo**: em que duas ou mais pessoas se encontram no mesmo espaço e cada uma fala apenas consigo mesma de maneira tortuosa, seguindo circuitos estranhos, mas têm a ilusão de troca. Nem para aprender algo, nem para comunicar, nem para convencer, nem para se conectar: apenas para confirmar ou reforçar a autoconfiança.

A relação de ajuda na Pedagogia da Presença: reciprocidade na reflexão e na ação

O ICE toma por base as referências de Antonio Carlos Gomes da Costa e o modelo de relação de ajuda desenvolvido por Robert Carkhuff, detalhado e aprofundado por Clara Feldman e M.L de Miranda (1983).

As fases da ajuda

1. O educador atende e comunica sua disponibilidade e interesse pela pessoa ajudada, de maneira não-verbal. **O educando se envolve** e comunica sua entrega ao processo de ajuda com a expressão verbal e corporal.

2. O educador responde e comunica compreensão à pessoa ajudada, corporal e verbalmente. **O educando explora** avaliando a situação real em que está (problemas, dificuldades, insatisfações) para definir em que ponto está.

3. O educador personaliza, mostrando ao educando sua parte de responsabilidade na situação. **O educando compreende** e estabelece relações de causa e efeito para definir aonde quer chegar.

4. O educador orienta, avaliando alternativas possíveis juntamente ao educando. **O educando age**, iniciando o movimento rumo ao ponto ao qual quer chegar, depois de escolher o caminho a seguir com a ajuda do educador.

Um perfil para o exercício da Pedagogia da Presença

Presença não é dom, e é possível aprender a ser/estar presente **se houver a disposição interior necessária** para isso. Essa disposição interior torna possível o envolvimento pleno no ato de educar, pois não basta cumprir um ritual de presença. Ao mesmo tempo, traz a consciência dos limites desse ato porque se entregar de maneira irrefletida e sem limites não é desejável. Antônio Carlos Gomes da Costa identifica três componentes essenciais nessa disposição interior para a presença:

- **Abertura para conhecer**, compreender, envolver-se de maneira sadia na experiência do outro, ir além dos contatos superficiais e da intervenção puramente objetiva e técnica. É essa capacidade de

deixar penetrar sua vida pela vida dos outros que torna possível captar seus apelos e responder adequadamente a suas dificuldades e impasses, pré-requisitos para a aceitação e a reciprocidade.

- **Reciprocidade em uma interação** na qual os envolvidos se mostram receptivos um ao outro, se revelam mutuamente, se aceitam e comunicam seus conteúdos sem abrir mão de sua originalidade.

- **Compromisso do educador perante o educando**, com seu envolvimento integral no ato de educar. O educador assume um compromisso que vai muito além da adaptação do educando a uma realidade dada: ele abre espaços e compartilha ferramentas para a construção da presença do educando, na medida

em que este amplia sua autonomia e suas bases de liberdade, escolha e compromisso consigo mesmo e com os outros e se torna mais competente para aproximar e integrar seu ser (o que é) e seu querer ser/tornar-se (o que quer ser/tornar-se).

Eis alguns requisitos fundamentais para uma presença pedagógica efetiva e próspera, que demanda abertura, reciprocidade, respeito e compromisso:

- Percepção alerta
- Calor humano
- Simplicidade
- Gosto por aprender e disposição para a aprendizagem permanente
- Disponibilidade e vontade sincera para o diálogo
- Disposição para se fazer presente na vida do educando
- Abertura
- Empatia (atenção plena à mensagem da outra pessoa)
- Empenho/cuidado em expressar-se com franqueza e honestidade
- Disposição para compartilhar
- Consciência da comunicação
- Abertura para sua própria interioridade e capacidade de autoanálise
- Resistência à fadiga

Presença pedagógica de quem?

O exercício da Pedagogia da Presença é tarefa de **todas as pessoas envolvidas em uma instituição dedicada à educação** (pessoal técnico, como pedagogos, professores, psicólogos, assistentes sociais, bibliotecários e outros, pessoal administrativo e gestores). É importante ter em mente que não se trata de trabalho restrito a salas de aula ou a reuniões nem a mesas de trabalho: cada pessoa presente no ambiente de educação tem também um papel educador, mesmo informal. É fundamental que cada um conheça e apoie as atividades da comunidade educativa. Na Escola da Escolha, em que cada ambiente é um lugar onde

se processam práticas educativas, todos os profissionais envolvidos devem atuar com coesão e cientes de sua corresponsabilidade pelos resultados educacionais na perspectiva de formação do educando. Por isso, é essencial que todos compartilhem das mesmas visões quanto às três questões fundamentais presentes nas bases do projeto escolar concebido a partir desse Modelo:

- o tipo de pessoa que se quer formar;
- o tipo de sociedade para cuja construção se espera que essa pessoa contribua;
- a utilidade e o valor do conhecimento na vida das pessoas.

A presença na sala de aula e na transmissão de conhecimentos

Não importa apenas a aquisição de conhecimentos, mas também a mudança de atitude básica do educando diante da vida. Mesmo que isto pareça ambicioso demais, quem educa de corpo e alma tem que semear utopia, sim – e isso é exatamente o que está na origem da construção do Projeto de Vida. O que se espera é, em última análise, que a ação educativa torne possível a vida em comunidades que enriqueçam o espírito humano (Berman, 1991). A única coisa realmente importante é ajudar os educandos a compreenderem a si mesmos, entenderem o mundo que os rodeia e nele encontrarem seu lugar (Esteve, 2003) em busca da sua plenitude que, em última instância, é o seu Projeto de Vida. Por isso, trabalhar os sentimentos, a dimensão da corporeidade, as crenças, valores e convicções

profundas é tão importante quanto a transmissão de conteúdos intelectuais ou o desenvolvimento de habilidades para o futuro exercício de uma ocupação, serviço ou profissão no mundo do trabalho. Ao lado da transmissão de conhecimentos, o objetivo é trabalhar para assegurar a compreensão do valor humano do conhecimento e como aplicá-lo nas dimensões da vida humana: pessoal, social e produtiva. Na origem de toda ciência, havia um homem ou uma mulher preocupados em entender e desvendar a estrutura da realidade. Cada tema de que um professor vai tratar em uma sala de aula um dia foi investigado e organizado por alguém em dúvida com uma pergunta sem resposta. A tarefa do educador em sala de aula envolve recriar esse estado de curiosidade, compartilhar com os

educandos as perguntas e dúvidas na origem dos conhecimentos transmitidos na e pela escola, para que eles não se limitem a dirigir o olhar às páginas dos livros, mas abarquem o mundo com seu interesse e seu pensamento crítico.

“A educação deve ensinar o que a vida significa. A escola deve preparar cidadãos urbi et orbi (para a cidade e para o mundo). Agentes da paz, da cultura, da humanidade. Se objetivo é educar para a democracia, deve-se educar para a verdade, para a justiça, para o saber, para a solidariedade. Isso exige educar pessoas, formá-las para viver entre seres humanos e com eles compartilhar preocupações e sonhos, a partir de pontos de vista diferentes e mesmo contrários, às vezes. Por isso, é indispensável formar pessoas que aprendam a refletir e a discordar, a descobrir as virtudes do consenso. Só se consegue isso privilegiando a formação de espíritos críticos em liberdade.”

- Cisneros, 2009

Armadilhas que podem minar a presença pedagógica

- **A cegueira da rotina**
- **As formas de comunicação que impedem o exercício de uma presença efetiva** (Rosenberg, 2006):
 - julgamentos moralizadores;
 - comparações, que são um caminho direto para se sentir infeliz;
 - chamadas de atenção constantes, insistentes e repetitivas (recurso que se desgasta e se mostra inútil, além de provocar deterioração do clima de ajuda mútua);
- **negação da responsabilidade:** “tenho que fazer”, “me mandaram fazer”, “recebi ordens”, “é a política da escola”, “estas são as regras”... Com expressões como essas – e há uma infinidade de variantes!
- **Os rótulos**
- **Distanciamento**
- **Medidas disciplinares mal conduzidas**

Comportamentos comuns que são obstáculos à verdadeira conexão empática

O hábito pode levar a adotar alguns comportamentos que parecem empáticos, mas, na verdade, **se usados de maneira irrefletida**, por costume, impedem um diálogo verdadeiro:

- Aconselhar: “Acho que você deveria...”, “Por que é que você não fez assim?”;
- Competir pelo sofrimento: “Isso não é nada. Espere até ouvir o que aconteceu comigo.”;
- Consolar: “Não foi sua culpa, você fez o melhor que pôde.”;
- Contar uma história: “Isso me lembra uma ocasião...”;
- Encerrar o assunto: “Anime-se. Não se sinta tão mal.”
- Solidarizar-se: “Oh, coitadinho...”.

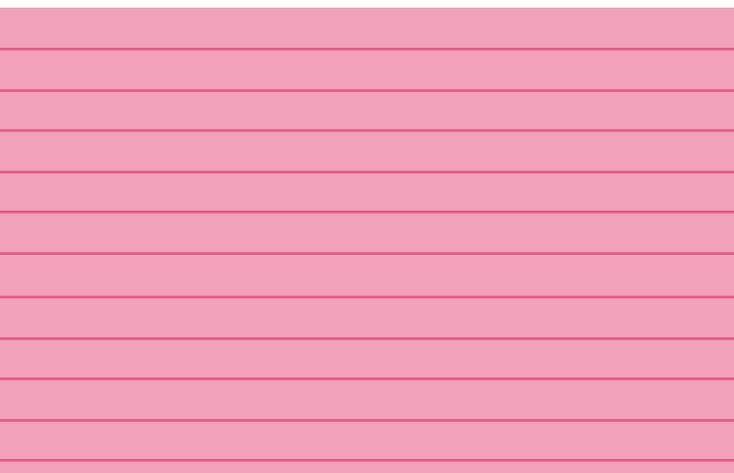
A Pedagogia da Presença na prática: um exercício de movimento

A presença é o conceito central, o instrumento-chave e o objetivo maior dessa pedagogia baseada em um relacionamento em que as pessoas envolvidas se revelam uma para a outra no compartilhamento de momentos de alegria ou de tristeza. O segredo do processo é manifestar a presença construtiva e emancipadora do educador na vida do educando, mostrando que ela é constante. Torná-la evidente e perceptível em gestos e atitudes simples que Antônio Carlos Gomes da Costa chama de “pequenos nada” e que têm o poder de modificar inteiramente o trabalho de educação: um bom-dia, um olhar, um toque, uma palavra, um incentivo, um gesto, um conselho, um sorriso... Essas manifestações singelas e cálidas por meio das quais, em uma linguagem universal que dispensa explicação e tradução, os humanos dizem uns aos outros: estou aqui, você não está sozinho e tem com quem contar.

O método da Pedagogia da Presença nada tem de misterioso, portanto: consiste na escuta atenta e cuidadosa, na observação ampla de tudo o que acontece, a cada momento, num movimento de descoberta. Os comportamentos do educando revelam ao educador a importância que ele atribui às coisas, às pessoas, aos eventos – um dos primeiros passos para descobrir o que ele traz como bagagem pessoal (experiên-

cias, aptidões, capacidades, potencialidades, desejos) e que poderá alimentar um processo educativo equilibrado e criterioso de construção da presença do próprio educando no mundo. Mas é preciso também aprender a ler por trás das fachadas, e, para isso, o educador precisa ganhar acesso ao mundo interior do educando – o que requer o estabelecimento de uma relação de reciprocidade, abertura, cuidado e respeito mútuo. Um sorriso, um olhar cúmplice do educando, são indícios para o educador do progresso de seu trabalho. Cada situação de contato, cada circunstância, é uma oportunidade para que o educador compartilhe com o educando algo que o ajude a compreender e aceitar melhor a si mesmo e aos outros.

A prática da Pedagogia da Presença é um exercício de movimento incessante de aproximação e distanciamento. O educador se aproxima, estabelece uma relação calorosa, empática e significativa que lhe permita conhecer, identificar manifestações, reconhecer pedidos de ajuda nem sempre expressos com palavras e também se deixar conhecer. Num outro movimento, o educador se distancia criticamente para poder ver o processo da ação educativa em sua totalidade, para melhor refletir, avaliar, planejar, decidir e agir.



Encontrar o melhor ponto de equilíbrio no exercício da Pedagogia da Presença exige do educador uma noção muito clara do processo e agilidade para capturar cada instante (“inteligência do instante”, nas palavras de Antônio Carlos Gomes da Costa). Cabe lembrar também que bons sentimentos e boas intenções do educador não são suficientes para garantir que tudo vai dar certo: há toda uma aprendizagem a construir no sentido de não se deixar levar pelas emoções e identificar tentativas de

manipulação, chantagem afetiva, apego desmesurado e excesso de dependência. Nesse sentido, a interação e a troca de experiências e ideias entre pares podem ser de grande ajuda.

Mas há também de se cuidar da linha que separa cuidadosamente aquilo que deve ser intimamente preservado, de parte a parte, e que não se estabeleça qualquer sinal de violação do direito de lá permanecer “silencioso”, se assim o desejar.

A autoridade e a Pedagogia da Presença

Não cabe discutir a importância e a necessidade de ter e observar normas e limites: é evidente que eles são necessários para o bem de cada um e de todos. Mas não tem sentido agitar ameaças e promessas como se fossem bandeiras para convencer os educandos a adotarem certos comportamentos e reações e evitar outros. Muito mais do que as palavras do educador, é o modo como o trabalho cotidiano transcorre que deve tornar evidentes essa necessidade e importância. Para que isso aconteça, é preciso imaginar situações concretas, acontecimentos estruturadores que sirvam para promover compromisso desinteressado por parte dos alunos, levando-os a escolher em favor dos interesses e objetivos comuns. Não é um processo rápido, nem definitivo, nem igual para todos, mas é assim que as coisas se organizam em nossa

sociedade, e vale a pena investir energia e atenção nesse sentido no cotidiano da educação.

O educador presente sabe que pode e deve agir com firmeza sempre que isso lhe parecer necessário. Com uma atitude franca, direta e clara na interação com os educandos, o educador transmite os elementos que servem de base para estabelecer confiança – condição para aceitação do exercício da autoridade. Quando o educador transmite de verdade o melhor de si, sem subterfúgios (o que é muito diferente de agir desta ou daquela maneira para se tornar “popular” ou ser visto como alguém “legal”), o educando consegue perceber que existe algo de bom no fundamento dos limites e regras transmitidos por esse adulto que lhe fala com clareza, consideração e respeito, e que isso pode ser importante para seu crescimento.

Ralph Waldo Emerson (1803-1882) foi escritor, ensaísta, poeta e filósofo norte-americano. É um dos fundadores do movimento cultural denominado transcendentalismo.

Ordem de prioridades na Pedagogia da Presença

Uma tarefa principal absorve o educando em primeiro lugar: equacionar seus problemas de natureza pessoal, sem o que ele se sente subjugado pelo isolamento e pela solidão. Cabe ao educador, portanto, apoiar o educando no sentido de encontrar a si mesmo, explorar sua situação, compreendê-la. Os aspectos sociais, que viabilizam a inserção e a participação do educando no mundo em que ele deve viver, vêm depois. A ação educativa não tem poder para inverter essas prioridades, e isso é ainda mais evidente quando o educador encontra educandos que vivem em um universo que Antônio Carlos Gomes da Costa descreve como

“tenso, reduzido e espesso”, e no qual se sentem “amarrados por dentro”.

É indiscutível que o educador precisa se empenhar para tornar possíveis as aquisições utilitárias indispensáveis para que o educando se torne um cidadão produtivo e aceito (aprender um trabalho rentável e socialmente útil e aprender boas maneiras, por exemplo). Porém, esse trabalho vem depois. Antes de viabilizar a inserção e a participação do educando no mundo em que ele deve viver, é indispensável lembrar que ele quer e precisa aprender a viver consigo mesmo, reconciliar-se, para, então, fazer-se presença.

“A Pedagogia da Presença é parte de um esforço coletivo na direção de um conceito e de uma prática menos irreais e mais humanos de educação de adolescentes em dificuldades. Contribuir para o resgate da parcela mais degradada, em termos pessoais e sociais, de nossa juventude é, sem dúvida alguma – embora apenas um número reduzido de pessoas realmente acredite nisso – uma das grandes tarefas do nosso tempo.”

- Antônio Carlos Gomes da Costa

A Educação Interdimensional

“O Século XXI será ético e espiritual ou não será.”

- André Malraux

A perspectiva apontada pela UNESCO, em seu Relatório sobre a Educação para o Século XXI destaca a necessidade de conceber e tratar a educação na sua dimensão mais ampla: “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito, corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade. Todo ser humano deve

ser preparado, em especial pela educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos, bem como para formular seus próprios juízos de valor, de modo que possa decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida”.

Não é diferente no ordenamento da Educação Brasileira, de acordo com o Art. 2º da LDB:

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Para o Professor Antonio Carlos Gomes da Costa, a relação do ser humano consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com aquilo que o transcende vive paradoxalmente uma crise e também uma oportunidade: “A razão analítico-instrumental, que imperou ao longo dos últimos séculos,

iniciando-se no Renascimento, tornando-se a força hegemônica a partir do Iluminismo, para culminar na moderna Civilização Industrial, emite sinais de esgotamento. Esse esgotamento se revela na incapacidade da modernidade nascida do Iluminismo em cumprir as promessas que marcaram o seu nascimento: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. A Razão, a Ciência e a Técnica foram desenvolvidas e continuam a se desenvolver cada vez mais. No entanto, basta olhar o noticiário para perceber o quanto nos afastamos desses ideais”.

O PARADOXO DA CRISE X OPORTUNIDADE

Na relação consigo mesmo...

- O homem parece cada vez mais marcado pelo solipsismo, a ansiedade e o medo, entregando-se aos anestésicos da cultura de massas.
- Parece estar emergindo com intensidade inédita na história um desejo humano de autocompreensão, autoaceitação, autoestima, autoproposição e autodeterminação, na busca da autorrealização e da plenitude humana. Este movimento reflete a busca do encontro do homem consigo mesmo, como condição para encontrar os demais.

Na relação com os outros...

- Individualismo, a competição, a exploração e o uso instrumental do ser humano marcam as relações interpessoais, enquanto que, no plano das relações coletivas, dentro das nações e entre as nações, o cinismo e a força bruta parecem ganhar cada vez mais espaço.
- Constata-se uma busca de ressignificação dos laços interpessoais na família, na escola, no trabalho, nas relações afetivo-sexuais. Por outro lado, na vida social mais ampla, no plano das relações com o bem-comum, a incorporação dos direitos humanos individuais e coletivos, como novo eixo estruturador dos processos de desenvolvimento, propicia o surgimento e a ainda incipiente, mas gradual, afirmação do Paradigma do Desenvolvimento Humano como a grande via para a construção de um progresso com um rosto verdadeiramente humano.

Na relação com a natureza...

- A quebra sistemática dos ecossistemas vai desequilibrando as bases dos dinamismos que sustentam a vida, gerando consequências como a diminuição da biodiversidade, os buracos na camada de ozônio, comprometendo o direito à vida das gerações futuras.
- A emergência do conceito de sustentabilidade vai fazendo surgir uma nova ótica e uma nova ética, que têm como fundamento a noção de que cada geração deve legar às gerações vindouras um meio-ambiente igual ou melhor do que aquele recebido das gerações anteriores.

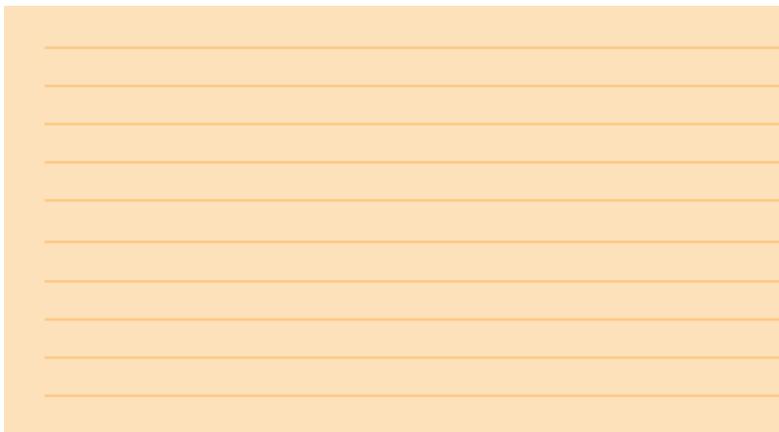
Na relação com o transcendental da vida...

- Verifica-se uma forte crise de sentido, que resulta numa cada vez mais evidente perda de respeito pela dignidade e a sacralidade da vida em todas as suas manifestações naturais e humanas.
- Registra-se uma grande fome de sentido existencial. Pessoas, grupos, comunidades e organizações de todo tipo cada vez mais se empenham na busca de novas fontes de significado para o seu ser e o seu fazer neste mundo, isto é, para sua presença entre os homens de seu tempo e de sua circunstância.

No paradigma educacional dominante no Brasil e no mundo, a instrução toma com frequência o lugar da educação. Esse paradigma está tão voltado para os meios, as aprendizagens basicamente cognitivas, que as aprendizagens essenciais (existenciais ou metacognitivas) relacionadas com a finalidade última da educação simplesmente não são tratadas na prática pedagógica como essenciais.

A educação inclui a construção de conhecimentos relevantes, significativos, úteis e duradouros para os seres

humanos. Mas não se reduz a isso. Sem a construção/reconstrução de sentidos e de sentimentos, valores e avaliações, ela simplesmente se restringe à instrução, porque deixa de promover aprendizagens indispensáveis à finalidade máxima da vida, que na Grécia antiga, Aristóteles dizia ser a vida em plenitude, a felicidade ou a sua própria busca. Nessa perspectiva, é necessário pensar numa educação que transcenda o domínio da racionalidade (do logos) e incorpore os domínios da emoção (pathos), da corporeidade (eros) e da espiritualidade (mytho).



Logos – a dimensão do pensamento e do conceito ordenador e dominador da realidade por meio da razão.

Mythos – a dimensão transcendental, da relação do homem com o mistério e o sentido da vida.

Pathos - a dimensão do sentimento, da relação do homem consigo mesmo e com os outros.

Eros – a dimensão das pulsões, do

desejo, da corporeidade.

No Modelo da Escola da Escolha, a Educação Interdimensional seria capaz de equilibrar as relações entre essas quatro dimensões, o que não significa prescindir da educação simbolizada pela dimensão da razão analítico-instrumental (o logos), mas não se sobrepondo às demais dimensões.

“Essas dimensões, nos estudos realizados pelo Prof. Antonio Carlos Gomes da Costa, estão presentes nos conceitos e práticas que presidiram a construção do ideal do homem grego que posteriormente se fundiram aos conceitos e práticas do mundo judaico-cristão, dando origem à civilização ocidental.”

- <http://associacaopelafamilia.org.br/aspf/cat/POR%20UMA%20EDUCA%C7%C3O%20INTERDIMENSIONAL%20II.pdf>, acesso em 25/08/2014

A dimensão prática da Educação Interdimensional

No alinhamento entre essa perspectiva e as aprendizagens dos Quatro Pilares da Educação, é possível referenciar e fundamentar metodologias capazes de superar a presença dominante dos aspectos cognitivos e se abrir para práticas e vivências de natureza social, existencial e produtiva que integrem as quatro dimensões.

A seguir, um quadro sintético dos **indicadores** relativos a cada uma das dimensões, verificáveis no contexto da prática pedagógica e alinhados com as competências dos Quatro Pilares.

ESSES INDICADORES SÃO REGISTROS DE DIVERSAS REUNIÕES COM O PROF. ANTÔNIO CARLOS GOMES DA COSTA ACRESCIDOS DE INFORMAÇÕES EM SUAS OBRAS, ADAPTADAS PARA UTILIZAÇÃO NESTE MATERIAL.

LOGOS	INDICADORES	
a) Capacidade de raciocínio lógico	<ul style="list-style-type: none"> • Saber concluir um raciocínio • Ordenar suas ideias na exposição oral e escrita • Saber construir e resolver situações-problema • Desenvolver um ponto de vista ou ideia 	<ul style="list-style-type: none"> • Classificar, comparar e concluir ideias, materiais e fatos • Justificar suas posições de maneira fundamentada
b) Habilidades de compreensão e análise	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar com suas palavras o que leu, ouviu, estudou e/ou pesquisou • Construir frases, textos e histórias • Retirar do texto informações solicitadas • Pesquisar informações e resumir o texto coletivo • Formular perguntas sobre o assunto estudado • Descrever um fato com detalhes • Expressar frases estruturadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Criar hipóteses baseadas em informações • Realizar a leitura de mapas, localizando-se neste espaço • Estabelecer relações entre os fenômenos naturais e elementos da natureza • Identificar diferenças entre as pessoas, fatos, dados e situações
c) Indicadores de habilidades de síntese	<ul style="list-style-type: none"> • Retirar a ideia central de um texto • Saber fazer anotações 	<ul style="list-style-type: none"> • Associar as informações para formar um novo texto, criar histórias e diálogos • Saber tirar conclusões acerca de fatos
d) Indicadores de capacidade de trabalho metódico	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar suas tarefas e materiais • Escrever de forma legível 	<ul style="list-style-type: none"> • Gostar de auxiliar os colegas • Contribuir com material de pesquisa para o grupo • Saber ouvir e respeitar as opiniões dos colegas
e) Indicadores de atividades favoráveis ao desenvolvimento cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Aceitar trabalhar em grupo • Enfrentar as dificuldades sem desanimar • Incentivar os colegas • Criar o espírito de cooperação 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar as suas ideias sem receio • Desenvolver as atividades demonstrando satisfação • Relacionar-se com os colegas e professores de maneira fraterna • Mostrar-se persistente nas tarefas que realiza

EROS	INDICADORES	
Corporeidade	<ul style="list-style-type: none"> • Aceitação do próprio corpo • Demonstra capacidade de autocuidado com as suas condições de saúde (alimentação, higiene e condicionamento físico) • Zela pela sua aparência pessoal • Usa a expressão corporal para comunicar sentimento e disposição interior • Envolve-se em dinâmicas, jogos e esportes individuais e coletivos. • Mantém-se atento e procura corrigir as posturas inadequadas e prejudiciais ao próprio corpo 	<ul style="list-style-type: none"> • Atende corretamente as suas necessidades de descanso • Demonstra ritmo e harmonia corporal em atividades como dança e atividades grupais • Procura preservar-se dos riscos relacionados às doenças sexualmente transmissíveis, ao cigarro, ao álcool e outras drogas • Mantém-se atento às regras de segurança no trânsito • Busca conscientemente o equilíbrio entre o corpo, a mente e suas emoções.

MYTHO	INDICADORES	
Espiritualidade	<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar a dignidade e a sacralidade da vida em todas as suas manifestações • Abrir-se para indagação às práticas e às vivências quanto ao significado e ao sentido da vida • Realizar atividades que ampliam e enriquecem a sua interioridade • Refletir sobre o sentido da missão da sua presença no mundo • Vivenciar, identificar e incorporar valores positivos à sua existência • Abrir-se e dispor-se para o diálogo com as diversas religiões • Indagar sobre as grandes questões da existência humana • Desenvolver com profundidade sentimento de mundo e de pertencimento à família • Procurar manifestar em atos concretos a sua relação com o transcendental 	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar a paz, a justiça e a sociedade como bases universais do convívio humano • Saber dar e pedir perdão • Meditar e contemplar as questões relativas à dimensão transcendente da vida • Envolver-se em ritos que expressam suas crenças e valores mais profundos • Saber apreciar, admirar, valorizar e incorporar à sua vida, as lições e exemplos de sabedoria e santidade das diversas tradições religiosas • Respeitar e valorizar a diversidade humana em todas as suas manifestações • Cultivar a tolerância e saber lidar com conflitos, conviver com a diferença de ideias, valores, pontos de vista e interesses.

PATHOS	INDICADORES	
Afetividade	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar autoaceitação, autoestima e autoconfiança • Sabe dar e receber afeto • Demonstrar preocupação com os outros • Demonstrar capacidade de empatia, mostrando disposição de colocar-se no lugar do outro • Expressar de forma equilibrada suas emoções • Ser capaz de assertividade, ou seja, não ser passivo sem agressivo nos seus relacionamentos • Sabe lidar de forma equilibrada com as frustrações na vida familiar, escolar e comunitária • Canalizar construtivamente a tendência à agressividade própria dos adolescentes • Olhar com esperança para o futuro (visão, projeto de vida) 	<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilidade às manifestações artísticas • Demonstrar interesse em aprimorar a sua capacidade de fruição das obras de arte buscando aprimorar a sua educação estética • Aceitar envolver-se no fazer artístico • Demonstrar o desenvolvimento de sua capacidade criativa • Reconhecer as atividades em que desempenha melhor e procurar aprofundar-se nelas • Valorizar a prática de boas maneiras e da urbanidade na vida familiar, escolar e comunitária

Referências Bibliográficas

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Identidade e vida de educadores rio-grandenses: Narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 260p.
- ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2002. 208 p.
- BÁRCENA ORBE, Fernando. Una pedagogía de la presencia. Crítica Filosófica de la impostura pedagógica, in **Teor. educ.** 24, 2-2012. pp. 25-57. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- BAUMAN, Zigmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BERMAN, Louise et al. **Toward curriculum for being: Voices of educators**. 1ª ed. Albany, NY: State University of New York Press. 192 p.
- BUBER, Martin. **Between Man and Man**. 1ª ed. 1947. Edição eletrônica. Londres-New York: Taylor Francis e-Library, 2004.
- _____. **Eu e tu**. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001. Título original: **I and thou**. New York: Scribner, 1958.
- COLL, César. **Psicologia e Currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar**. São Paulo: Ática, 1996.
- _____; PALACIOS, Jesus; MARCHE-SI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CHALMERS, Alan Francis. **O que é Ciência Afinal?** Tradução de Raul Filker. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CHURCH, J. e MACLEOD, R. B. **Language and the discovery of reality: A developmental Psychology of Cognition**. New York: Literary Licensing, LLC, 2012. 262p.
- CISNEROS, L. J. **Aula aberta**. 1ª ed. Lima: Grupo Editorial Norma, 2009. 398 p.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da (Coord. Técnico). **Parâmetros para formação do socio-educador: Uma proposta inicial para reflexão e debate**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006. 104 p.
- _____. **Juventude popular urbana: educação, cultura e trabalho**. São Paulo: Associação Caminhando Juntos – ACJ, 2007.
- _____. **Pedagogia da presença: Da solidão ao encontro**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1997. 140 p.
- _____. **Aventura Pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa**. Belo Horizonte, Modus Faciendi, 1999

COSTA, Alfredo Gomes da, COSTA, Antonio Carlos Gomes da e PIMENTEL, Antônio de Pádua Gomes. **Educação e Vida: um guia para o adolescente**. Belo Horizonte: Modus Faciendi; Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministério do Trabalho e do Emprego; Salvador: Instituto Aliança com o Adolescente, 2004, 3ª edição

COSTA, Antonio Carlos Gomes da e VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. São Paulo: FTD/Fundação Odebrecht, 2006.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância – destinos do laço social no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nau, 2009.

_____. Adolescência, cultura contemporânea e educação, in **Estilos da Clínica**. São Paulo: USP, 2009. Vol. XIV, nº 27, pp. 134-149.

DE LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon**. São Paulo: Summus, 1992.

ESTEVE, J. M. **La tercera revolución educativa: La educación en la sociedad del conocimiento**. Barcelona: Paidós, 2003. 264 p.

FAURE, Edgar. **Learning to be: the world of education today and tomorrow**.

<http://unesdoc.unesco.org/images/0000/000018/001801e.pdf>
Acesso em: 21/08/2014

<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129766por.pdf>
Acesso em: 21/08/2014

FELDMAN, Clara; MIRANDA, Márcio Luís De. **Construindo a relação de ajuda**. Belo Horizonte: Crescer, 2002.

FERREIRA, Elvira. **A escola inclusiva – características ideais**.

<http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=10374> Acesso em: 15/09/13

FLAVELL, John. **Desenvolvimento Cognitivo**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida. 25 ed.** – São Leopoldo: Sinodal; Petropolis: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 144 p.

GARDNER, Howard. **O verdadeiro, o belo e o bom – os princípios básicos para uma nova educação**, 1999

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOFFREDI, Laís Esteves. **Paradigma de Orientação Educacional**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1983.

MASLOW, Abraham, H. **Introdução à Psicologia do Ser**. 2 ed. Ed. Eldorado, 1977. Rio de Janeiro.

Maslow Management. John Wiley & Sons, Inc. 1998.
http://www.cra-rj.org.br/site/leitura/textos_class/traduzidos/MOTIVATIVACAO_PERSONALIDADE/#/8/
Acessado em 23/08/2014

MENDEZ, Emílio Garcia; COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Das necessidades aos direitos**. São Paulo: Malheiros, 1994.

MORIN, Edgar. **Enseigner à vivre: Manifeste pour changer l'éducation**. 1ª ed. Paris: Actes Sud/Play, 2014. 132 p.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**.

ORTEGA y GASSET, Jose. **O homem e a gente**. Libro Ibero. 1973.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?**. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

_____. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

PIEPER, Josef. Felicidade e Contemplação, Lazer e Culto. São Paulo, Herder, 1969.

PONTY, Merleau. **A estrutura do comportamento**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

RIVERA, Deodato. **A Ética Biofílica – uma estética da vida**. Belo Horizonte, 2000.

ROMAO, José Eustáquio. **O Ensino Médio e a Omnilateralidade: Educação Profissional no século XXI**. Eccos Revista Científica, vol. 12, núm. 1, enero-junio, 2010, pp. 27-49, Universidade Nove de Julho. São Paulo, Brasil
<http://www.redalyc.org/pdf/715/71518577002.pdf>
Acessado em 19/08/2014

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006. 286p.

SALGADO, Sebastião. – **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
SÃO PAULO. Governo do Estado. **Guia prático: o direito de todos à educação: Diálogo com Promotores de Justiça do Estado de São Paulo**. Ministério Público do Estado de São Paulo. – São Paulo : MP-SP, 2011. 165 p.

SASSAKI, R. K. **Avaliação da aprendizagem no contexto da inclusão**. 2007.

_____. **Inclusão: o paradigma do século 21**, in **Inclusão: revista da educação especial**, n. 1, p. 23, 2005.

SAVIANI, Demerval. **Interlocuções pedagógicas: Conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação.** Campinas: Autores Associados, 2010.

TYLER, Ralph W. **Princípios básicos de currículo e ensino.** Porto Alegre: Editora Globo, 1975.

VILLA, R. & THOUSAND, J., in Stainback, Susan & Stainbak, William. **Inclusão: Um Guia para Educadores.** Porto Alegre: Artmed, 1999, p.218

VYGOTSKY, Lev Semonovitch; LURIA, Alexander Romanovich. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO

Instituto de Corresponsabilidade pela Educação

PRESIDENTE

Marcos Antônio Magalhães

EQUIPE DE DIREÇÃO

Alberto Chinen

Juliana Zimmerman

Thereza Barreto

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Organização: Juliana Zimmerman

Coordenação: Liane Muniz Assessoria e Consultoria

Supervisão de Conteúdo: Thereza Barreto

Redação: José Gayoso, Juliana Zimmerman, Maria Betânia Ferreira, Maria Helena Braga, Regina Lima, Reni Adriano, Romilda Santana, Thereza Barreto

Leitura crítica: Alberto Chinen, Elizane Mecena, Reni Adriano, Maria Helena Braga

Edição de texto: Leandro Nomura

Revisão ortográfica: Dulce Maria Fernandes Carvalho, Álvaro Vinícius Duarte e Danielle Nascimento

Projeto Gráfico: Axis Idea

Diagramação: Axis Idea e Kora Design

Fotógrafa: Kriz Knack

Agradecimento pelas imagens cedidas: Thereza Barreto; Ginásio Pernambucano; Escola Estadual Prefeito Nestor de Camargo; Centro de Ensino Experimental de Arcoverde.

APOIO

Instituto Natura

Instituto de Corresponsabilidade pela Educação
JCPM Trade Center
Av. Engenheiro Antônio de Góes, 60 - Pina | Sala 1702
CEP: 51010-000 | Recife, PE
Tel: 55 81 3327 8582
www.icebrasil.org.br
icebrasil@icebrasil.org.br

1ª Edição | 2015

© Copyright 2015 - Instituto de Corresponsabilidade pela Educação.
"Todos os direitos reservados"

